

# a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

[https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt\\_magazine\\_pt.htm](https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm)

N.º 60 — verão de 2019

PORTUGUÊS E JAPONÊS — MITO E REALIDADE — <i>José Frederico Soares</i> .....	1
O PORTUGUÊS DO SERI LANCA: SITUAÇÃO ATUAL — <i>Shihan de Silva Jayasuriya</i> .....	7
CATORZE ANOS DEPOIS, POR QUE PORQUE? — <i>Jorge Madeira Mendes</i> .....	11
UM APARTE À PARTE (I) — <i>Jorge Madeira Mendes</i> .....	13
NÓ TEMPO EM QUE OS VENTOS ERAM BENTOS E SOPRAVAM — <i>Philippe Magnan Gariso</i> .....	14
RECEITA DO MÊS: BOLO EUROPÊS — <i>João Miranda</i> .....	16
TRADUZIR COM CONTEXTO: O CASO DAS TABELAS — <i>Helena Santos</i> .....	16
MAIUSCULIZAÇÃO DOS NOMES COMUNS? O CASO DAS CASTAS DE UVAS — <i>Paulo Correia</i> .....	22

## Português e japonês — mito e realidade

*José Frederico Soares*  
*Antigo funcionário do Conselho da União Europeia*

A relação começou quando os primeiros portugueses chegaram a terras do Japão em 1543. Aportaram primeiro à ilha de Tanegashima, e depois passaram a utilizar o excelente porto natural que é a longa e estreita baía de Nagasaki, onde a pequena aldeia aí existente cresceu e se transformou na cidade portuária do mesmo nome. Mas a história é bem conhecida e não a vou aqui repetir.

A relação entre as duas línguas, porém, é menos conhecida mas não menos interessante. É que as duas se conhecem desde há muito tempo e durante anos até foram bastante amigas.

Os interesses do comércio e da evangelização logo conduziram à necessidade de comunicação e, portanto, do conhecimento recíproco das duas línguas.

De que os portugueses tomaram a dianteira neste campo, nomeadamente os frades jesuítas muito interessados na evangelização dos japoneses, temos nós ainda hoje provas conclusivas dos notáveis resultados alcançados.

O missionário jesuíta português João Rodrigues compilou em 1603 o *Vocabulário da Língua de Iapam* (日葡辞書 *Nippo jisho*), que foi o primeiro dicionário de japonês para uma língua viva europeia<sup>(1)</sup>. E em 1604 escreveu a magnífica *Arte da Língua de Iapam*<sup>(2)</sup> (日本大文典 *Nihon daibunten*), a primeira gramática da língua japonesa (1604). Esta é a gramática japonesa mais antiga existente, e é uma referência valiosa sobre o japonês medieval.

A par das coisas que com os japoneses comerciámos e das ideias que com eles trocámos, lá foram também, claro, as palavras que denotavam as coisas novas. Como sempre acontece nessas ocasiões,

eles aproveitaram a oportunidade e ficaram com elas. Muitas delas ainda hoje lá estão, nas conversas correntes. Outras caíram em desuso, pois as coisas que denominavam também passaram à história.

Das que ficaram, algumas são muito úteis e interessantes:

- *bīdoro* (ビードロ) — que designa o vidro soprado; actualmente 硝子 *garasu* (do holandês *glas*) e グラス *gurasu* (do inglês *glass*);
- *botan* (ボタン/鈕/鈕) — botão;
- *furusuko* (フラスコ) — frasco;
- *igirisu* (イギリス) — inglês; actualmente *igirisu* (イギリス/英吉利) designa Inglaterra, Grã-Bretanha, Reino Unido;
- *karameru* (カラメル) — caramelo;
- *karuta* (かるた/歌留多) — carta (de jogar);
- *kasutera* (カステラ) — (pão-de)-Castela, pão-de-ló;
- *kirisuto* (キリスト/基督) — Cristo;
- *kompeitō* (金米糖/金平糖/金餅糖) — confeito;
- *koppu* (コップ) — copo (de vidro);
- *manto* (マント) — manto;
- *marumero* (マルメロ) — marmelo;
- *oranda* (オランダ) — Holanda;
- *orugan* (オルガン) — órgão (instrumento);
- *pan* (パン) — pão, produtos de panificação;
- *tabako* (タバコ/ナゴバコ/煙草) — tabaco;
- *tenpura* (天ぷら/天麩羅/天婦羅/天麩羅) — modo de cozinhar durante a(s) têmpera(s) de Quaresma (*ad tempora quadragesimae*)<sup>(3)</sup>.

Entre as que não ficaram contam-se, por exemplo, *bateren* (padre), *iruman* (irmão, missionário), *kandeya* (candeia), *kapitan* (capitão), *kirishitan* (cristão) [actualmente *kurisuchan*, do inglês *christian*], *kurusu* (cruz), *sabato* (sábado).

Mas há outras ainda (e as suas coincidências) que deram origem a muitas fantasias. Obrigado/*arigatō* é a mais teimosa.

A este respeito, um bocadinho de modéstia fica-nos bem. Fomos os primeiros «bárbaros do Ocidente» a chegar ao Japão e levámos muita coisa na bagagem. Durante algum tempo, as trocas e os contactos correram bem e deixámos lá ficar usos e novidades por meio dos produtos comerciados — religião, comidas, armas de fogo... Por entremeio, certas palavras, como já vimos. Mas uma, de certeza, não deixámos — «obrigado».

É que eles já tinham boas maneiras desde há séculos e já tinham um grande desenvolvimento de cultura e civilização. Não admira, com a vizinhança tão próxima do Império do Meio, não podia deixar de ser. Da China veio religião, escrita, poesia, urbanismo, tentativas de invasão, e muitas coisas mais.

Quando nós chegámos, já eles tinham alcançado cinco séculos atrás a obra-prima literária que muito haveria de influenciar as gerações vindouras — *O Romance de Genji*. A nossa obra-prima só viria a ser publicada 30 anos depois deste primeiro encontro...

Com um tão longo passado de civilização e boas maneiras, não há a mínima dúvida de que os japoneses já conheciam os conceitos de gratidão e boas-vindas e, portanto, de que já tinham palavras para os exprimir. Nomeadamente, o adjetivo/predicativo 有り難い/ありがたい *arigatai* e o advérbio 有り難く/ありがたく *arigataku*, que significam «agradecido/bem-vindo».<sup>(4)</sup>

Etimologia de *arigatō* (有り難う/有難う/ありがとう)

*Arigatō* provém de ありがたく *arigataku*, que é a forma adverbial do adjetivo ありがたくし *arigatashi* em japonês antigo/clássico.

O adjetivo *arigatashi* é formado pelo radical 有り *ari* do verbo 有る *aru*, «ser/existir», + 難し *katashi* «difícil». *Arigatashi* é documentado pela primeira vez na literatura do século VIII. O significado original de «difícil de ser/existir» passou depois a «raro, especial», e durante o século XV passou a «bem-vindo, agradecido, é bom de ter». Este significado ainda perdura hoje:

この天気はありがたいね。 *Kono tenki wa arigatai ne.* — «Este tempo é bem-vindo, hmm?»

Pela típica sonorização da consoante surda inicial do segundo componente da palavra, *katashi* muda para *gatashi*.

Em japonês moderno, estes adjetivos de tipo *-i* passaram a ter a terminação *-ki* para a forma de adjetivo e *-ku* para a forma de advérbio. Porém, a consoante intermédia /k/ caiu durante o período Muromachi (1336-1573), tanto para a forma de adjetivo (*-ki* passou a *-i*) como para a forma de advérbio (*-ku* passou a *-u*).

Depois disso, a terminação do advérbio reverteu de *-u* para *-ku* na maior parte dos casos, mas a terminação *-u* manteve-se em certas expressões quotidianas, de uso muito frequente, como os equivalentes de «obrigado», «bom dia» ou «parabéns».

Deu-se portanto a seguinte evolução:

/arigataku/ → /arigatau/ → /arigato:/

E hoje em dia temos a expressão corrente:

有難うございます／ありがとうございます *arigatō gozaimasu* — «(Fico) obrigado, (estou) agradecido»

Outros casos em que ocorreu a mesma evolução

— *O-hayō gozaimasu* お早う／おはようございます — «Bom dia» (lit.: «é cedo»)

Originalmente um composto de prefixo honorífico お *o-* + advérbio 早く *hayaku* («cedo»), derivado do adjetivo 早い *hayai* («cedo, inicial»).

/ohayaku/ → /ohayau/ → /ohayo:/

— *O-medetō gozaimasu* お目出度う／おめでとうございます — «Parabéns, felicitações, felicitar por»

Originalmente um composto de prefixo honorífico お *o-* + advérbio 愛でたく *medetaku*, («admiravelmente, auspiciosamente»), derivado do adjetivo 愛でたい *medetai* («admirável, auspicioso»).

/omedetaku/ → /omedetau/ → /omedeto:/

\*\*\*

A Internet é um inestimável repositório do conhecimento humano, e permite-nos aprofundar este tema, aproveitando todos os tesouros que acumula.

Mas também é «caixote de lixo» e repositório lamentável de falsos conhecimentos, e exige-nos portanto uma cuidadosa navegação e busca por entre todos os detritos que acumula.

E, como não podia deixar de ser, também contém numerosas «entradas/páginas» que falam das palavras portuguesas importadas para a língua japonesa, mas a maior parte delas não são sérias:

Ou apenas se repetem entre si, como sucede com as listas de palavras importadas do português para o japonês, ou perpetuam fantasias como a suposta origem de *arigatō* no «obrigado» português, ou, pior,

expressam erros grosseiros como a suposta importação da contracção brasileira «né» («não é») para a língua japonesa (partícula *ね*), com base na coincidência da sua pronúncia e articulação.

\*\*\*

Porém, os aspectos interessantes não se limitam às palavras que lá deixámos ou às que deles importámos, como «biombo» ou «catana».

À primeira vista, não haverá duas línguas mais diferentes, mas por baixo das aparências podemos encontrar certas semelhanças. As diferenças residem, por exemplo, na quantidade de formas e flexões (muitas em PT, poucas em JP). As semelhanças residem, por exemplo, na riqueza de matizes que ambos os sistemas podem exprimir.

Vejam as seguintes semelhanças, a título de aperitivo:

### 1) No sistema de referência espacial

Tanto PT como JP possuem um sistema tripartido de vocábulos de referência espacial (junto do falante/junto do ouvinte/afastado de ambos), em contraste com EN e FR, por exemplo:

Isto, isso, aquilo — *これ kore, それ sore, あれ are*  
 Este, esse, aquele — *この kono, その sono, あの ano*  
 Aqui, aí, ali/acolá/além — *ここ koko, そこ soko, あそこ asoko*  
 Deste lado, desse lado, daquele lado — *こちら kochira, そちら sochira, あちら achira*

e também registam a impossibilidade de transferir o ponto de vista da deslocação (falante/ouvinte), ao contrário de FR/EN/DE:

PT — Amanhã you esperar-te ao aeroporto. [Ponto de vista do falante — vou]  
 JP — 明日空港までお迎えに行きます。 *Ashita kūkō made o-mukae ni ikimasu.* (Amanhã you esperar-te ao aeroporto.) [Ponto de vista do falante — vou]  
 FR — *Demain, je viendrai te voir à l'aéroport.* [Ponto de vista do ouvinte — venho]  
 EN — *I will come to meet at your hotel.* [Ponto de vista do ouvinte — venho]  
 DE — *Ich komme morgen zu Dir.* [Ponto de vista do ouvinte — venho]

### 2) Nos sistemas verbais

Apesar das enormes diferenças, que saltam imediatamente à vista, entre os verbos portugueses e os verbos japoneses,

PT	JP
Colocação no centro da frase. Estrutura básica: <b>SVP</b> (Sujeito + Verbo + Predicado/Complementos)	Colocação no fim da frase. Estrutura básica: <b>SPV</b> (Tópico/Sujeito + Predicado/Complementos + Verbo)
Enorme riqueza de formas flexionadas, com indicação de pessoa, género e número	Grande simplicidade flexional, sem indicação de pessoa, género e número
Ausência de formas flexionadas para indicação dos níveis de cortesia	Existência de formas flexionadas para indicação dos níveis de cortesia/humildade

há uma interessante semelhança:

PT	JP
Construção perifrástica: Combinação de verbos, com ou sem uso de preposição ou conjunção — de que resulta uma mudança de sentido ou matizes do significado principal.	Combinação/fusão de verbos — de que resulta uma mudança de sentido ou matizes do significado principal.
ter que/de + V haver que/de + V estar a + V andar a + V ficar a/por + V acabar de/por + V começar a/por + V deixar de + V dar a/em/para + V ir a/para + V ir + V vir a/para + V vir + V	<u>V + V</u> : V + <i>dasu</i> (iniciar + V) V + <i>hajimeru</i> (começar a + V) V + <i>owaru</i> (acabar de + V) V + <i>tsuzukeru</i> (continuar a + V trans.)
	<u>V + au</u> (juntar, reunir): <i>hanasu</i> (falar) + <i>au</i> ⇒ <i>hanashiau</i> (debater) <i>dasu</i> (tirar) + <i>au</i> ⇒ <i>dashiau</i> (contribuir) <i>shiru</i> (saber) + <i>au</i> ⇒ <i>shiriau</i> (conhecer-se)
	<u>V + V</u> ⇒ novo significado <i>ochiru</i> (cair, baixar) + <i>tsuku</i> (chegar) ⇒ <i>ochitsuku</i> (estabelecer-se) <i>tatsu</i> (levantar-se, partir) + <i>yoru</i> (aproximar-se) ⇒ <i>tachiyoru</i> (passar por, visitar)

### 3) Nos múltiplos níveis de cortesia e de formas de tratamento

Uma das semelhanças mais notórias, a meu ver, é o reflexo que as duas línguas dão dos usos de cortesia e da múltipla estratificação social, existentes nas respectivas sociedades.

➤ O português conhece uma vasta gama de formas de tratamento entre as pessoas, que assentam essencialmente na «necessidade/usança» de distinguir os níveis sociais dos falantes/ouvintes, bem como os níveis de intimidade e de cortesia que regem as relações entre as pessoas. Naturalmente que, junto com a forma de tratamento escolhida pelo falante em cada ocasião, também varia o nível de vocabulário e a complexidade sintáctica, resultando nas diferenças a que chamamos «níveis de linguagem».

— Tratamentos pronominais:

*tu, (vós), você, vocês, V. Ex.ª, etc.*

— Tratamentos nominais:

- o senhor, a senhora, os senhores, as senhoras,
- o senhor Dr., o senhor Ministro,
- o pai, a mãe, o avô,
- o António, a Maria,
- o meu amigo, o patrão, etc.

— Tratamentos verbais:

Queres ir passear? Querem vir jantar? etc.

O esquema acima apresentado é retirado do precioso estudo «Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa», do Prof. Luís Lindley Cintra<sup>(5)</sup>, que ainda hoje está actual e se pode considerar não ultrapassado por outros estudos subsequentes.

Nele se faz a seguinte citação, que dá bem uma ideia do fenómeno:

À parte as dificuldades de pronúncia, dois obstáculos principais para o principiante (na aprendizagem do português) são a gramática complexa, especialmente no que se refere aos verbos, e a forma de tratamento

antiquada, quase oriental. A primeira coisa que se deseja fazer com uma língua é falar com as pessoas. Mas, em Portugal, uma pessoa está sujeita a ser interpelada de quatro ou mesmo de cinco modos diferentes e a cada um desses modos está associado um grau diverso de intimidade ou de respeito, cada um deles fixa firmemente o tipo de relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que se lhe dirige.<sup>(6)</sup>

➤ Ora, esta citação aplica-se na perfeição à língua japonesa, que possui igualmente um sistema de múltiplas formas de tratamento e de cortesia.

Este sistema assenta numa gama de formas de tratamento, bem como no uso de prefixos e de formas verbais distintas.

a) As formas de tratamento são sufixos que se juntam aos nomes próprios ou, por vezes, aos nomes de função: *-san*, *-sama*, *-kun*, *-chan* (*-tan*, *-bo*), *-senpai/-kohai*, *-sensei/-hakase*, *-shi*.

*San* (さん) é a forma de tratamento mais comum e marca de respeito entre iguais de qualquer idade, e pode ser usado em contextos formais e informais para ambos os sexos.

*Sama* (様/さま) é uma forma mais respeitosa para pessoas de estatuto superior ao falante, portanto usado também para visitantes ou hóspedes, destinatários de correio, etc.

*Kun* (君/くん) é geralmente usado no âmbito do trabalho, referindo pessoa de estatuto inferior, mais comum entre homens. Também é usado entre amigos, de ambos os sexos.

*Chan* (ちゃん) é um sufixo diminutivo, e indica o afecto do falante. Em geral, é usado para bebés, crianças, amigos íntimos, avós, adolescentes, namorados. Tem as variantes *-tan* e *-bo*.

*Tan* (たん) é uma variante ainda mais afectuosa de *-chan*. Evoca a pronúncia tenteada do bebé.

*Bō* (坊/ぼう) é outro diminutivo afectuoso. É usado para bebés ou crianças, mas do sexo masculino.

*Senpai* (先輩/せんぱい) é usado para colegas de escola ou trabalho mais velhos ou mais experientes.

*Kōhai* (後輩/こうはい) é usado para colegas de escola mais novos.

*Sensei* (先生/せんせい) é usado para professores, médicos, políticos, advogados, artistas, escritores e outras pessoas com autoridade ou nível de excelência.

*Hakase* (博士/はかせ), lit. «Doutor» ou «Ph.D.», é usado para pessoas de elevado nível académico.

(*Sensei* também pode ser usado com intenção adulatória, e portanto também sarcasticamente para ridicularizar essa adulação. Nesse caso é escrito em *katakana*, com a mesma função do nosso itálico ou aspas.)

*Shi* (氏/し) é usado na escrita formal e no discurso muito formal. O tratamento de *-shi* pode ser usado sem o nome, à semelhança de «Excelência».

b) Os prefixos de cortesia/honoríficos são:

御(ご *go*)/御(お *o*) [o *kanji* é o mesmo, mas pode ter duas leituras], que tanto podem ser afixados a substantivos como a verbos, embora não aleatoriamente, para tornar as coisas ainda mais complicadas.

c) Os verbos tomam formas flexionadas diferentes conforme o nível de linguagem utilizado:

A forma cortês indica respeito para com o ouvinte.

A forma honorífica indica respeito para com uma determinada pessoa (ouvinte ou terceiro).

A forma humilde indica respeito para com o recipiente da acção.

Exemplo:

有る <i>aru</i> «ser, existir» [inanimados] (forma simples, familiar)	有ります <i>arimasu</i> (forma de cortesia)	いらっしゃる <i>irassharu</i> (forma honorífica)
居る <i>iru</i> «ser, existir» [animados] (forma simples, familiar)	居ます <i>imasu</i> (forma de cortesia)	いらっしゃる <i>irassharu</i> (forma honorífica)

Exemplo:

御座有る/御座る <i>go za aru/gozaru</i> «ser, existir» [antiga forma humilde, com prefixos honoríficos e verbo simples]	御座います <i>gozaimasu</i> (forma de cortesia)
御 <i>go</i> (prefixo honorífico/cortês/humilde) + 座 <i>za</i> «assento/lugar/pedestal; estatuto/posição» + 有る <i>aru</i> «ser, existir»	Forma que subsistiu, hoje largamente utilizada em expressões correntes: obrigado, bom dia, parabéns.

Fizemos uma pequena viagem de comparação entre as línguas portuguesa e japonesa. Que esta janela agora aberta seja incitamento para descobrir muito mais aspectos do país do Sol Nascente, com quem tivemos há cinco séculos atrás uma relação tão intensa e importante.

[jfredericosoares@gmail.com](mailto:jfredericosoares@gmail.com)

(1) Verdelho, T., «O Vocabulário da língua de Japão (1603), uma fonte inexplorada da lexicografia portuguesa», Giovanni, R. (org.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza (Palermo, 18-24 Settembre 1995): Vol III, (Lessicologia e semantica delle lingue romanze)*, Max Niemeyer, Tübingen, [http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Vocabulario\\_Lingua\\_Japam.pdf](http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Vocabulario_Lingua_Japam.pdf).

(2) Rodrigues, J., *Arte da Língua de Japão*, Colégio de Japão da Companhia de Jesus, Nagasáqui, 1604, [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_NwnUAAAAMAAJ/page/n1](https://archive.org/details/bub_gb_NwnUAAAAMAAJ/page/n1).

(3) A origem deste termo em tempero não está documentada, nem é lógica. Se fosse o caso, o termo teria sido facilmente importado para japonês com outra escrita e outra acentuação: テンペール *tenpēru*.

(4) O japonês utiliza três sistemas de escrita: caracteres chineses (*kanji*) e caracteres japoneses (*hiragana* e *katakana*). Os caracteres *kanji* e *hiragana* são utilizados em separado e em conjunto para escrever as palavras japonesas, os caracteres *katakana* são actualmente usados para as palavras de origem estrangeira, ou para efeitos estilísticos, como as onomatopéias ou o nosso *itálico*.

As palavras estrangeiras importadas há muito tempo, quase sempre do chinês, são escritas com *kanji*, o que denota a sua antiguidade e origem. Mas isto também sucede com algumas palavras importadas do português e do holandês, que são as línguas ocidentais há mais tempo em contacto com o japonês.

(5) Lindley Cintra, L. F., *Sobre «Formas de Tratamento» na Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa, 1972.

(6) Fryer, P., Pinheiro, P. M., *Oldest Ally: A Portrait of Salazar's Portugal*, Dennis Dobson, Londres, 1961, p. 230.



## O português do Seri Lanca: situação atual

*Shihan de Silva Jayasuriya*

*Senior fellow da School of Advanced Study — University of London*

O português do Seri Lanca (PSL) sobrevive há mais de quinhentos anos e ainda é a língua materna de alguns poucos seri-lanqueses, para quem o legado português tem uma extrema importância. Estes ideais encontram-se sob pressão em virtude das realidades socioeconómicas e da necessidade de aprender idiomas para sobreviver num cenário multilingue. Os seri-lanqueses de origem portuguesa estão espalhados por todo o país, encontrando-se as maiores comunidades na província oriental, nos distritos de Batticaloa, Trincomalee e Ampara. Com uma história e raízes étnicas diferentes, os

afro-seri-lanqueses na costa oposta da ilha eram também de língua materna PSL, que foi outrora uma importante língua franca que ligava o Seri Lanca, não apenas ao comércio do oceano Índico mas também às interações Oriente-Occidente no início do período moderno.

O PSL era conhecido pelos linguistas do século dezanove e designado indo-português do Ceilão (IPC) por Hugo Schuchardt, o «pai das línguas crioulas». As elites seri-lanquesas eram fluentes no IPC, designado português do Ceilão, ainda no final do século dezanove. O advogado John Eaton, membro do conselho do legislativo representando os *burghers* (seri-lanqueses de ascendência europeia) foi correspondente do professor Schuchardt. A língua materna de Eaton era o inglês mas era igualmente fluente em português do Ceilão. A placa comemorativa na igreja metodista de Cândia comemora John Eaton e recorda-nos a sua importante posição social.

Como o inglês se tornou a língua franca internacional durante o domínio britânico, o IPC tornou-se marginal. O IPC encontrava-se quase extinto quando o goês Sebastião Rodolfo Dalgado, vigário do Seri Lanca, aprendeu o IPC em poucos meses e escreveu um livro sobre o idioma «indo-português do Ceilão». O IPC era uma língua que permitia a comunicação, não apenas com os portugueses mas também com os holandeses e os ingleses que se seguiram aos portugueses no Seri Lanca. O missionário britânico, Robert Newstead, imprimiu sete edições do Novo Testamento para o seu trabalho no Seri Lanca.

O presente artigo aborda a situação linguística da comunidade afro-seri-lanquesa na ilha que vive em vinte e duas casas numa aldeia da província do noroeste. A comunidade não mantém uma língua africana e refere o português como sendo a sua língua.

As línguas crioulas foram consideradas apenas a partir do final do século dezanove e apelidadas de «português inferior», «português mal falado», «português mestiçado» ou outros termos pejorativos. As línguas crioulas ainda hoje não são reconhecidas como um meio de comunicação eficaz ou como línguas inequívocas. A sua história social prevalece e são consideradas inferiores ao português europeu, sendo vistas como tentativas fracassadas de pessoas que aspiravam a aprender línguas europeias convencionais. São faladas como língua materna por aqueles que foram escravos ou tiveram ascendência mestiça ou por europeus que nasceram nas colónias.

Os africanos que chegaram durante a era colonial eram falantes da principal língua de prestígio daquele tempo — o IPC/PSL. Os africanos são referidos nos arquivos coloniais como soldados mercenários. Os custos associados à manutenção dos africanos, a sua alimentação (arroz) e roupas foram registados pelos portugueses.

A comunidade menciona as suas ligações com os militares. De acordo com M.M., de sessenta e seis anos, que recorda os relatos orais do seu avô, em mil novecentos e setenta e quatro quando foi entrevistado pelo professor Miguel Goonatilleke, «os seus antepassados pertenciam a um batalhão de soldados originário da África Oriental de língua portuguesa que partiram para o Seri Lanca após a vitória na guerra dos Bóeres».

Os africanos eram designados cafres pelos portugueses, que tomaram o termo por empréstimo dos árabes. O termo *qafir*, que significa «não crente», reflete o estado religioso dos africanos que não eram muçulmanos. Cafre tornou-se um etnónimo para os africanos no Seri Lanca colonial e o termo foi adotado pelo cingalês e pelo tâmil no pós-independência sem as conotações negativas ligadas ao termo. Cafre é o etnónimo e o exónimo utilizado para os africanos no Seri Lanca.

Os africanos (designados por abissínios/*habshis*/etíopes) dedicavam-se a atividades comerciais em Mantai já no século V, embora não se conheça a existência de comunidades ou de descendentes desses tempos remotos. O tráfico dos escravos impulsionou o movimento de africanos para a Ásia. As outras potências europeias que seguiram os portugueses no comércio realizado no oceano Índico também tiraram proveito do tráfico de escravos. Esta história ficou na memória popular expressa nos nomes de lugares como Slave Island, na capital da ilha, que foi chamado Kaffirs Veldt (Campo de



Cafres) pelos holandeses que colonizaram as áreas costeiras da ilha entre 1656-1796, expulsando os portugueses depois de uma longa guerra que durou vinte anos. O comércio e o proselitismo representaram as atividades iniciais dos exploradores portugueses no século dezasseis, que mais tarde se envolveram na política da ilha. Os seus objetivos evoluíram do comércio e proselitismo para a participação na política local apesar das suas aspirações não serem de se fixarem no Seri Lanca. Os britânicos que conquistaram a ilha aos holandeses em 1796 contrataram os escravos libertados como soldados que formaram os 3.º e 4.º regimentos do Ceilão.

Os registos do Arquivo Nacional Britânico (The National Archives, Kew) indicam que Moçambique, Diego Garcia, Goa e Bombaim forneceram escravos. Mesmo depois da abolição do tráfico transatlântico de escravos, os governadores da ilha continuaram a comprar escravos oriundos do oceano Índico. No ano de 1810, na ilha de Diego Garcia, foram comprados pelo governador britânico Thomas Maitland 101 escravos que pretendiam fugir aos franceses e que foram utilizados para reforçar os regimentos do Ceilão.

A bravura militar dos africanos foi reconhecida pelo rei de Cândia que governou um território independente no Seri Lanca. Este reino não chegou a ser colonizado nem pelos portugueses nem pelos holandeses. O famoso africano Joseph Fernando que migrou da ilha Maurícia para o Seri Lanca aprendeu PSL e cingalês. Foi entrevistado quando tinha noventa anos de idade. Em 1803, Fernando conduziu o exército de Cândia à vitória derrotando o exército inglês do major Adam Davie que tentou conquistar o reino de Cândia. O reino de Cândia mantinha a sua independência e os britânicos aspiravam a obter um forte militar para fins de defesa e para organizar invasões.

Os afro-seri-lanqueses têm laços linguísticos e religiosos com os portugueses, sendo seguidores devotos da fé católica romana que foi introduzida na ilha pelos portugueses. O PSL coloquial está atualmente em vias de extinção, mas permanecem vestígios desta língua nas canções afro-seri-lanquesas designadas *manha*.

Todos os seri-lanqueses beneficiam de ensino gratuito e a língua de instrução depende dos grupos linguísticos na área e das políticas linguísticas de quem administra as escolas. O cingalês, o tâmil e o inglês são atualmente línguas oficiais, mas apenas alguns membros mais idosos da comunidade sabem falar inglês.

Vignecia, que está na casa dos setenta anos, voltou para Sirambiyadiya para viver com a sua sobrinha quando enviuvou, porque não tinha filhos. Depois de se casar, tinha-se mudado mais para o norte, para Mannar, onde a língua predominante é o tâmil. Vignecia era mais fluente em PSL do que outras pessoas da sua faixa etária — como B. M. Cristina e M. J. Emiliana — e podiam conversar em PSL.

Atualmente, Emiliana, a filha de Miseliya, que é octogenária, é a principal falante de PSL mas não tem ninguém com quem conversar em PSL. Todavia, quando lhe faço perguntas em português, exprime o seu conhecimento de PSL. Os filhos de Emiliana, agora de meia-idade, sabem falar algumas frases de PSL. A transferência intergeracional da língua tem sido fraca nas três últimas gerações, sem dúvida agravada por mudanças no sistema de ensino e nas políticas linguísticas que introduziram o cingalês e o tâmil como línguas de ensino. A ênfase colocada no ensino como um passaporte para o sucesso tem reforçado a necessidade de alfabetização e um ensino formal não disponível em PSL. O PSL está agora moribundo mas desempenha um papel importante na identidade de grupo consolidada através de atuações musicais, tanto em espaços privados como públicos. Os próprios membros da comunidade não são capazes de traduzir palavra por palavra as letras das músicas transmitidas pela tradição oral, mas têm uma ideia do contexto. Não compõem novas canções e a razão que dão para isso é terem perdido o PSL. Embora a música e a letra das canções não estejam inextricavelmente ligadas, a comunidade associa a letra ao PSL.

Os netos de Emiliana falam o cingalês como língua materna, mas estão dispostos a aprender «português». O seu repertório inclui monossílabos de PSL. Embora falantes de português europeu tenham recentemente introduzido a variante deste português na província oriental dos *burghers*, não

tem havido nenhuma tentativa de ensinar o português europeu em Sirambiyadiya. Os afro-seri-lanqueses de Sirambiyadiya também não tiveram contacto com os *burghers* portugueses da província oriental e um estudo comparativo dos dialetos destas duas províncias poderia fornecer um campo interessante para futuras pesquisas.

O português europeu (PE), o cingalês e o inglês equivalente do português do Seri Lanca são igualmente apresentados para fins comparativos. As línguas de substrato para o PSL são o cingalês e o tâmil.

A língua de superstrato, o PE, tem preposições, mas o PSL do Putalão tem pós-posições como nas línguas de substrato, o cingalês e o tâmil. Isso contrasta com outros dialetos indo-portugueses como os de Damão, Diu e Korlai (Chaul) e também com os dialetos crioulos de Malaca, Batávia e Macau.

Algumas frases são tipologicamente semelhantes àquelas do português europeu e apresentam Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Mas a maior parte das frases apresentam Sujeito-Objeto-Verbo (SOV) e são semelhantes na sua estrutura ao cingalês e ao tâmil, as línguas de substrato. O cingalês e o tâmil são ambas línguas pós-posicionais SOV. Portanto, não surpreende que tendo em conta os séculos de contacto linguístico, o PSL apresente variações. O PSL apresenta pós-posições por oposição ao PE que é uma língua preposicional.

A comunidade de Sirambiyadiya exprime-se atualmente em cingalês, a língua falada pelos outros habitantes da vila e a língua na qual recebem um ensino formal nas escolas locais. As políticas linguísticas e as pressões socioeconómicas exercem um impacto na manutenção ou na perda da língua materna das comunidades falando este dialeto. A perda da influência das línguas locais/línguas de substrato pós-crioulização é acelerada pela disponibilidade de um «ensino gratuito» em cingalês. O ensino é acessível a todos os seri-lanqueses em cingalês e tâmil, o que ameaça as línguas marginais.

As línguas são principalmente ferramentas de comunicação, mas elas são também, entre outros fatores, uma expressão de identidade. Um interesse renovado pelo «português» prevalece entre as crianças afro-seri-lanquesas e o seu conhecimento desta língua passa pela transferência intergeracional. As mulheres são importantes neste processo, não somente porque elas passam mais tempo com as crianças mas também porque atualmente superam em número os homens nessa comunidade.

O PSL coloquial é transmitido através de uma tradição oral, em Sirambiyadiya, embora as gerações de meia-idade e as mais novas sejam alfabetizadas. A evolução da língua materna da comunidade altera a fonética do PSL o que é evidenciado nas letras das *manhas*.

Os estudos de línguas marginalizadas colocam em evidência os problemas que enfrentam as sociedades multiculturais no equilíbrio das línguas veiculares utilizadas no ensino formal, particularmente quando este é dispensado a todos os cidadãos. Estes estudos sublinham igualmente a importância da língua para além das estratégias de comunicação, como códigos e sinais de identidade e de *status*.

[shihan.desilva@sas.ac.uk](mailto:shihan.desilva@sas.ac.uk)



## Catorze anos depois, por que porque?

Jorge Madeira Mendes

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Num artigo publicado no n.º 20 d'«a folha» (outono de 2005) sob o título *Por que porque?*<sup>(1)</sup>, defendi a utilização da locução adverbial *por que* em todas as frases interrogativas, independentemente de se lhe seguir ou não um substantivo.

Preconizava que se escrevesse «*por que razão* me canso?», «*por que caminhos* andais?», mas também «*por que* fazes isto?», «*por que* não vens comer?».

Facilmente se explicaria o motivo de utilizarmos *por que* nas duas primeiras frases: é que, em vez desta locução, poderíamos dizer, respetivamente, «*por qual razão* me canso?» e «*por quais caminhos* andais?». Quanto às duas últimas, em que a locução se segue, não um substantivo, mas uma forma verbal, poderíamos igualmente argumentar que, nas frases interrogativas, está sempre implícito um substantivo: «*por que* [razão] fazes isto?», «*por que* [motivo] não vens comer?».

Paralelamente, a conjunção *porque* seria restrita às situações de esclarecimento causal, em que ao *porque* se seguiria uma forma verbal. E as respostas àquelas interrogações poderiam, pois, ser do seguinte tipo: «canso-me *porque* estou adoentado», «faço-o *porque* quero», «não vou comer *porque* não tenho fome».<sup>(2)</sup>

Ora, na altura, foi-me assinalado que a locução adverbial *por que* só pode ser utilizada em frases interrogativas nas quais se lhe segue um substantivo. Em todas as outras frases, interrogativas ou não, há que utilizar a conjunção *porque*. Assim, deveríamos escrever «*por que razão* me canso?», «*por que caminhos* andais?», mas «*porque* fazes isto?», «*porque* não vens comer?».

E a razão seria o Decreto n.º 35 228, de 8 de dezembro de 1945 — uma disposição que, catorze anos depois, me interrogo se mantém pertinência ou se se tornou obsoleta.

Na sua obra *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, João Andrade Peres e Telmo Mória afirmam: «não há qualquer razão imperativa de carácter semântico ou sintático para que se use *porque* em vez de *por que* (...) de qualquer modo, parece evidente que, no caso dos compostos com a preposição *por* em português ou a sua equivalente noutras línguas românicas, só uma convenção pode impor tal procedimento. Ora, como já vimos, tal convenção foi estabelecida para Portugal por diploma legal [o supracitado Decreto n.º 35 228, de 8 de dezembro de 1945], ao contrário do que acontece no Brasil, onde a norma oficial determina a separação.»

Todavia, na maioria das línguas com que correntemente trabalhamos, é evidente a distinção entre os equivalentes interrogativo e causal:

EN: *Why do I do this? Because I want to.*  
 FR: *Pourquoi fais-je ça? Parce que je veux.*  
 DE: *Warum tue ich das? Weil ich es will.*  
 NL: *Waarom doe ik dit? Omdat ik het wil.*

Não existe qualquer confusão entre *why* e *because*; *pourquoi* e *parce que*; *warum* e *weil*; *waarom* e *omdat*.

O castelhano — que é, depois do galego, a língua mais próxima da nossa — faz também distinção:

ES: ¿*Por qué* hago esto? *Porque* quiero.<sup>(3)</sup>

Apenas em italiano se verifica indistinção comparável à que se defende para o português:

IT: *Perchè faccio questo? Perchè lo voglio.*

Quase se poderia dizer que convergimos com o italiano para um lamentável empobrecimento da nossa língua.

Na citada obra, João Andrade Peres e Telmo Mória, antes de apontarem ocorrências de *por que* em frases interrogativas (quer se siga verbo ou substantivo), dizem textualmente o seguinte: «(...) uma — neste caso, a nosso ver, muito saudável — violação das convenções que nos parece estar a ganhar terreno. (...) grupo de textos, cujas sequências *por que* são perfeitamente justificadas do ponto de vista estrutural, embora de acordo com as normas vigentes devessem ser substituídas pela sequência *porque*. Aguardemos, para ver para que lado penderá o uso.»<sup>(4)</sup>

Ou seja, J.A. Peres e T. Mória parecem reconhecer que o uso está a consagrar a sistemática distinção entre *por que* e *porque* de modo exatamente paralelo à distinção entre *why* e *because*, entre *pourquoi* e *parce que*, entre *warum* e *weil* e entre *waarom* e *omdat*. Chamam-lhe, inclusive, «muito saudável (...) violação das convenções».

A distinção entre *por que* e *porque* vigora na Galiza e, há muito, no Brasil — embora não tenha de ser por isso que a devemos adotar, e sim porque são de evitar, tanto quanto possível, homonímias entre conceitos distintos. De resto, em Portugal a homonímia só tem como respaldo uma disposição legal — o Decreto n.º 35 228/1945 — que se tornou obsoleta por via do Acordo Ortográfico de 1990.

Em conclusão, quer o uso cada vez mais amplo quer a própria literatura da especialidade parecem legitimar a utilização sistemática da locução adverbial *por que* em frases interrogativas (sejam elas «diretas», isto é, com um ponto de interrogação expresso, ou «indiretas», em que o ponto de interrogação está implícito) e da conjunção *porque* nas explicações da causa. E uma boa mnemónica será apoiarmo-nos, por exemplo, no inglês e/ou no francês, fazendo corresponder *por que* a *why* ou *pourquoi* e *porque* a *because* ou *parce que*:

«*Por que* vais por aí?»; «Não sei *por que* o dizemos»; «É mais fácil entender *por que* há de ser assim»; «Citei-o *porque* me pareceu útil»; «*Porque* é conveniente, virão mais tarde»...

Na verdade, *parce que* significa, literalmente, «*por isso que*» (*par + ce + que*). Ora, o português «*porque*» é uma forma abreviada de «*por isso que*» (hoje um arcaísmo). O falecido jornalista Carlos Pinto Coelho, que se esforçava por ser um cultor da língua portuguesa, utilizava muito «*por isso que*» em vez de «*porque*».

[jorge.mendes909@gmail.com](mailto:jorge.mendes909@gmail.com)

<sup>(1)</sup> «Por que porque», in «a folha», n.º 20 — outono de 20115,

[https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha20\\_pt.pdf](https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha20_pt.pdf).

<sup>(2)</sup> Em português, a fonética de *por que* é praticamente indistinguível da de *porque* (embora, em meu entender, devesse existir uma subtil diferença entre elas: acentuação da palavra *que* em *por que*, acentuação da sílaba *por* em *porque*). Mas, independentemente dessa quase coincidência fonética, que poderá estar na base da confusão entre os dois termos, devemos manter a distinção gráfica entre conceitos que são, eles também, distintos; a quase homofonia não justificaria nunca a homografia. Por analogia: apesar de, praticamente, não haver distinção fonética entre *há* (forma verbal) e *à* (contração de preposição com artigo), grafamos de forma bem diferente estes termos conceptualmente distintos — comparável à dicotomia *à parte* vs. *aparte* («inserir à parte um aparte»).

<sup>(3)</sup> Note-se que a forma interrogativa é sempre *¿por qué?* («*adverbio interrogativo*», segundo o *VOX Diccionario General de la Lengua Española*), independentemente de se lhe seguir um verbo ou um substantivo (assim, escrever-se-á *¿por qué voy por aquí?*, como se escreverá *¿por qué camino voy?*). Identicamente nas interrogativas indiretas: *No sé por qué voy por aquí; no sé por qué camino voy.*

<sup>(4)</sup> Peres, J. A., Mória, T., *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, 2.ª ed., Caminho, Lisboa, 1996, p. 255.

## Um aparte à parte (I)

Jorge Madeira Mendes  
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Não diga «a raça humana». Diga «a *espécie* humana».

### Explicação:

O termo «raça humana» é, provavelmente, mais uma das conspícuas traduções acríticas do inglês que por aí proliferam.

Biologicamente, a humanidade não é uma *raça*, é uma *espécie* — para ser mais exato, a espécie *Homo sapiens*. Todos os seres humanos atuais pertencem a esta espécie, uma vez que, independentemente das suas diferenças fenotípicas, podem procriar entre si, produzindo descendentes férteis (esta é a melhor definição de «espécie»: quaisquer seres vivos que, por muito diferentes na aparência, possam produzir descendentes férteis pertencem à mesma *espécie*).

As «raças» são variantes dentro da espécie, resultantes de seleção artificial no caso dos animais domésticos<sup>(1)</sup>. Assim, ao longo de milénios, o homem agricultor foi criando *raças* de galinhas, de vacas, de cães, de porcos, de patos, de burros<sup>(2)</sup>...

Nesta conformidade, o termo «raça» estaria desde logo errado para designar as variantes étnicas humanas, na medida em que essas variantes não resultaram de seleção artificial por parte de algum agente externo. Mais importante é, porém, ter-se tornado um termo socialmente melindroso, porquanto, ao longo da história da humanidade, as diferenças fenotípicas foram frequente pretexto para atos de crueldade e opressão de uns sobre outros. Podemos, pois, eliminar o termo «raça» na aceção de «variante étnica humana». Não podemos é transferi-lo erradamente para outras aceções, sob pena de calcarmos a precisão científica.

O intuito poderá ter sido louvável: em vez de nos dividirmos em «raças» (a branca, a negra, a amarela, a verde, a azul, a cor de rosa, a assim-assim), irmanemo-nos todos numa só, a humana. Ora, existem formas de promover esse fim sem atropelar o domínio científico.

Poderíamos também utilizar a designação «género humano»: com efeito, sendo os géneros, em sistemática, as divisões que agrupam as espécies, e sendo a nossa espécie (*sapiens*) a única do género *Homo*, temos aqui um caso singular em que falar do género equivale a falar da espécie (e vice-versa). Note-se que, segundo vários especialistas, como, por exemplo, Yuval Noah Harari (no seu livro *Sapiens*), várias espécies do género *Homo* coexistiam na Terra há cem milénios: *Homo neanderthalensis*, *Homo erectus*, *Homo soloensis*, *Homo denisova*, *Homo rudolfensis*, *Homo ergaster*, *Homo sapiens*... Dá-se apenas a circunstância de todas, com exceção da *Homo sapiens*, estarem hoje extintas.

O importante é não esbulhar a ciência com erros como a «raça humana» (por muito boas intenções que se tenham).

De resto, o termo inglês *human race* está também erradíssimo.

[jorge.mendes909@gmail.com](mailto:jorge.mendes909@gmail.com)

---

<sup>(1)</sup> No caso das variações de espécies vegetais domésticas, igualmente resultantes de seleção artificial, consagraram-se termos como «variedade», «estirpe», «casta» etc.

<sup>(2)</sup> Na vida selvagem, é mais correto falar em «subespécies»: os espécimes de subespécies distintas podem cruzar-se, produzindo descendência fértil; em termos biológicos, as subespécies serão o equivalente selvagem das raças zoológicas e

das castas botânicas domésticas, com a diferença de que, na origem das subespécies, está a seleção natural, e não a intervenção humana.



## **No tempo em que os ventos eram bentos e sopravam**

*Philippe Magnan Gariso*

*Tradutor técnico — Mota-Engil, Railway Engineering, S.A.*

A moda, quer na alta-costura, na culinária, nos mais variados domínios, ou até nos modos de dizer, ganha raízes, instala-se, torna-se perene, quantas vezes perniciososa, e é o cabo dos trabalhos para voltar atrás, reverter o processo e fazer ver que se vai no caminho errado... Vem isto a propósito de modas nos modos de dizer que literalmente «pegam», se incrustam tão enraizadamente que quem as usa acaba por acreditar que essa moda fica bem, que é assim que tem de ser, que é assim que se diz porque é mais pomposo, mais jornalístico... E então, o que tem esta conversa que ver com ventos e, ainda por cima, bentos! Tem tudo, senão vejamos. O vento é hoje visto como inimigo, sobretudo em época de fogos florestais por facilitar o alastramento das chamas; mas o coitado do vento, odiado por muitos, também é bento ou benéfico — não será por acaso que os nortenhos com a troca dos b pelos v e vice-versa transformam o vento em bento que é como quem diz, benéfico; bastará lembrar que o vento desempenha um papel importante na polinização, transforma-se em energia, transporta nuvens, facilita o voo de algumas aves permitindo-lhes poupar energia, e também vai esculpindo a natureza — vem-me à memória o caso de Blyde River Canyon, na África do Sul, passeio que recordo com saudade, quando era garoto, nas várias idas àquele país em férias — e permite renovar o ar nalguns ambientes. O vento sopra, com tudo o que encerra o verbo «soprar», mas a moda que «pegou» é a de que «o vento se faz sentir»; já não sopra, faz-se sentir. Com efeito, não há repórter que não mencione o vento que se faz sentir em cenários de combate aos fogos em vez do vento que sopra. E a moda generalizou-se, já que repórteres de vários canais televisivos assim se exprimem. Até há pouco tempo, o vento soprava; aliás na meteorologia continua a soprar, seja de que quadrante for; ui, como são conservadores, são também menos afoitos às modas.

Nesta esteira, está outra expressão relacionada com a fala, vejamos: os tais, mesmos, repórteres já não «falam» ou «entrevistam» transeuntes, intervenientes ou testemunhas de uma determinada ocorrência; agora «chegam à fala com». É a nova moda: «vamos tentar chegar à fala com o representante do sindicato...»; «vamos tentar chegar à fala com o ministro...» e por aí adiante. O tão simples e eficaz «falar» foi literalmente banido. Porquê? Por ser mais simples, menos rebuscado? Há dias, numa reportagem sobre as filas que se formavam na antevisão da greve dos motoristas de transportes de matérias perigosas, uma repórter dizia: «conseguimos ir falando ...» — «falámos» ou no limite «fomos falando», não servirá? De igual modo, generalizou-se a fórmula «tive/tivemos a oportunidade de ver/falar ou seguido de outros infinitivos. Tão-somente «falei/falámos/vi/vimos» não é suficiente? É menos pomposo, mas também menos bacoco que as perífrases que agora por aí «se fazem sentir». É sobejamente conhecido que o jornalismo radiofónico tem de ser claro, enxuto, conciso para que os ouvintes entendam a linguagem, até porque não há o benefício da imagem; assim, o tom de voz e o timbre podem ajudar o ouvinte a ter uma percepção mais real dos acontecimentos relatados; ora, se utilizarmos frases rebuscadas, perífrases que alongam o discurso, fazem perder o fio à meada, o ouvinte vai perder tempo a decifrar o discurso e perde-se o imediatismo do relato.

O jornalismo televisivo não difere assim tanto, porque a imagem fala por si e o jornalista/repórter não tem necessidade de alinhavar um discurso complexo, alongado, penoso para o ouvinte/telespectador mais focado na imagem do que no discurso. Claro está, impõe-se, de um lado e de outro, ou seja, no jornalismo televisivo como no radiofónico a imparcialidade e o distanciamento.

De igual modo, se transformou a Direcção-Geral de Saúde em Direcção-Geral da Saúde (referindo a este propósito que a placa indicativa do edifício do Ministério apresenta este erro), Inspecção-Geral de Finanças em Inspecção-Geral das Finanças, e Orçamento de Estado em Orçamento do Estado; ou ainda Conselho de Finanças Públicas em Conselho das Finanças Públicas. Sinceramente, não percebo se se trata de desconhecimento ou de uma moda que alguém lançou e «pegou», passou a ser viral e, infelizmente, a carga viral é enormíssima. Mais uma vez, não posso deixar de me perguntar se nas instituições onde se cursa jornalismo não há quem atenda a estes males que se fazem sentir? Faz falta uma forte lufada de ar, o vento deveria soprar com forte intensidade nessas paragens; quiçá, o efeito bento, ou benéfico se fizesse sentir. No plano gramatical, é cada vez mais comum o mau emprego das adversativas, especialmente com a conjunção «mas». Aqui ficam dois exemplos, de entre os vários registados em telejornais em que não se vislumbra a oposição ou restrição que encerra aquela conjunção: «O senhor X mora perto, mas raramente atravessa a linha» comentou um repórter sobre um morador junto a uma linha ferroviária onde um veículo foi colhido por um comboio; ou «Fulana esperou horas infindáveis na urgência do hospital, mas foi para casa sem ser atendida» a propósito da confusão nas urgências hospitalares.

No rasto de destruição destes ventos que se fazem sentir ficam-nos ambiguidades sintáticas do tipo «Venceu o Sporting o Rio Ave», ou «Da listagem constam homens e mulheres de 40 anos». No primeiro caso, fica-nos a dúvida de saber quem derrotou quem e no segundo se são só as mulheres que têm 40 anos, ou se são também os homens. Quanto ao segundo exemplo, sou partidário da vírgula antes da copulativa «e» e teríamos dois blocos: os homens e noutro bloco as mulheres de 40 anos, mas os gramáticos dizem não ver necessidade daquela vírgula. Vem-me sempre à memória, a este respeito, um exemplo tirado do francês: «*Papa, maman, la bonne et moi*» e «*Papa, maman, la bonne, et moi*». Na primeira frase, «eu e a empregada» formam um bloco isolado do resto da família; no segundo, eu e a empregada surgem autonomizados, isoladamente um do outro. Ora em português, a situação é idêntica; nada que uma vírgula não resolvesse. Será, pois, justo concluir que se outros ventos soprassem, estes males seriam varridos... Faltam os tais ventos bentos.

Porém, antes que o vendaval mude de direcção, aproveitemos o sopro para discordar de um verbete no *Livro de Estilo*<sup>(1)</sup> do *Público* na sua edição de 1998:

**imprensa** — Designa apenas jornais — por isso "imprensa escrita" é um pleonasmo; rádio e a televisão são audiovisuais. A palavra "imprensa" escreve-se com inicial minúscula, a não ser que faça parte de um nome próprio: Associação da Imprensa Diária.

Não podia estar mais em desacordo, porquanto, em primeiro lugar, os tais audiovisuais são meios (ferramentas) para possibilitar a imprensa falada, não são imprensa em si; depois tal como no francês, no inglês e em espanhol temos *presse écrite/presse parlée, press media/spoken media e prensa escrita/prensa hablada*; finalmente porque subjacente aos meios está o texto escrito que, na rádio ou em televisão se destina a ser ouvido, dito, e não lido e este texto dito aos microfones da rádio ou perante as câmaras de televisão constitui a imprensa falada; aliás, aprendi na Rádio, nos dez anos que por lá andei, que o melhor improvisado é o que está escrito e o que se escreve não são só jornais. Não conhecendo actualizações deste livro de estilo, embora admitindo que as haja, acredito que também por aqui o bento terá soprado.

Para concluir, parabéns pelo programa *Caminhos da História* da autoria do historiador Joel Cleto, no Canal Porto. Uma forma desempoeirada de falar do passado.

[Philippe.Gariso@mota-engil.pt](mailto:Philippe.Gariso@mota-engil.pt)

<sup>(1)</sup> Público, *Livro de Estilo: Edição de Fevereiro de 1998*, [http://static.publico.pt/nos/livro\\_estilo/index.html](http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/index.html).

## **Receita do mês: bolo europês**

João Miranda

Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Quem se lembra ainda das aventuras de Dominique Dos Santos, traduzidas do francês por um professor jubilado da Universidade de Cacilhas? Pois, passados tantos anos, o autor, na sua tranquila *retraite* portuguesa, deslumbrado com a descrição que os netos lhe faziam da perfeição incomparável da língua inglesa — capaz de exprimir conceitos que nunca a espécie humana conseguira pôr em palavras — aceitou o desafio de a aprender. E ficou tão entusiasmado que nunca mais escreveu uma linha no seu *français* de *banlieue*. Para que ficasse para a posteridade um acervo tão importante, decidiu verter para inglês algumas das receitas da sua Felisberta. O resultado foi tão espantoso que um dos netos do professor jubilado, exímio tradutor deste idioma universal (no qual já Deus dialogava com Moisés no célebre filme *Os Dez Mandamentos*), se dispôs a traduzi-las para um português mais claro e preciso, cujo vocabulário técnico moderno permite exprimir as subtilezas culinárias como nunca o haviam feito tantas gerações de cozinheiros — perdão, *chefs* — lusos...

Na elaboração do presente bolo, deve partir-se do pressuposto subjacente de que os ingredientes foram adquiridos junto do comércio relevante e são de qualidade superior. Em alternativa, são permitidos materiais de qualidade inferior, embora tipicamente isso tenha consequências severas na qualidade do produto acabado. Como parte do processo, devem ser utilizados os utensílios relevantes. Devem ser misturadas 27 gemas de ovos a 270 gr. de farinha de trigo mole e 270 gr. de açúcar de beterraba sacarina. Devem ser batidas em castelo 27 claras. Adicionalmente, devem ser cuidadosamente acrescentadas as claras em castelo à massa.

A forma, de formato retangular, deve ser untada de uma forma homogénea com uma gordura relevante. Esta etapa é importante, para evitar a ocorrência de potenciais efeitos adversos. Se não estiver disponível uma destas formas, pode ser utilizada outra com uma dimensão ou área equivalente.

Antes de ser introduzida a forma com a massa, o forno deve ser aquecido a um nível de temperatura de 540 °K, em conformidade com as prescrições relevantes do fabricante. Esta etapa também é importante, porque é necessário ter em consideração que é possível que o seu não cumprimento dê origem à não conformidade do produto final com as prescrições esperadas. A forma é retirada ao final de um período de tempo apropriado (inferior a 27 horas). Se relevante, o produto acabado pode ser cortado em estrelas.

E, pronto... bom apetite! (em caso de problemas, poderá submeter uma queixa junto das autoridades relevantes responsáveis...).

[Joao-Manuel.Miranda@ec.europa.eu](mailto:Joao-Manuel.Miranda@ec.europa.eu)



## **Traduzir com contexto: o caso das tabelas**

Helena Santos

Antiga estagiária da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Uma palavra constitui um elemento representativo de uma dada realidade, algo que o ser humano desenvolveu a fim de comunicar aquilo que o rodeia. No entanto, é claro que uma mesma palavra pode representar vários elementos reais e, por esse motivo, o contexto é crucial para a comunicação.



O mesmo ocorre quando falamos em tradução: sem contexto, é impossível transpor a mensagem do texto de partida para o texto de chegada, sendo uma das funções do tradutor «pescar» o máximo de elementos possível, a fim de compreender a mensagem que a utilização de um determinado termo pretende transmitir e, por conseguinte, a forma como este deve ser traduzido. Para tal, é necessário decifrar a realidade que esse termo representa.

Apesar de as ferramentas de tradução assistida por computador (TAC) facilitarem o trabalho de um tradutor significativamente, por vezes estas tiram-nos elementos que se tornam fundamentais para a interpretação do texto: a formatação. Quando uma tabela é inserida numa ferramenta, muitos dos elementos que a constituem são omitidos, o que nos retira muita informação contextual. Perdem-se as linhas e as colunas, bem como a própria estrutura da tabela, e isto exige que o tradutor observe o texto original, com vista a recuperar este contexto que lhe é retirado pela ferramenta TAC.

Num projeto de terminologia em que participei com os terminólogos do departamento português, foi-nos entregue uma tabela com termos correspondentes a peças de bicicletas. Todo o contexto fornecido por esta tabela corresponde ao nome da peça, a subposição do sistema harmonizado de designação e codificação de mercadorias (SH)<sup>(1)</sup> correspondente, bem como o seu valor unitário de importação. Nesta tabela, surgem alguns termos que se tornam ambíguos ou que exigiram alguma pesquisa aprofundada para a compreensão do seu significado.

Para conseguir compreender o significado de cada uma daquelas peças, foi necessário, em primeiro lugar, entender a estrutura da bicicleta em si e qual a função de cada uma das suas partes. Deste modo, procurámos vários esquemas em linha que indicassem o nome das partes, e após compreendermos cada uma delas, procedemos à pesquisa dos termos correspondentes em português. Além disso, recorremos igualmente à pesquisa de termos em sítios Web de lojas de bicicletas e até mesmo vídeos em linha, com o intuito de tentar extrair o máximo de informação possível, para compreender as funções dos elementos presentes na tabela.

Posteriormente, comparou-se essa terminologia com a utilizada nas subposições do Regulamento de Execução (UE) 2018/1602 da Comissão<sup>(2)</sup>.

Durante o trabalho de pesquisa terminológica, as entradas da tabela foram também reagrupadas por subposições SH e não pela ordem alfabética em inglês, como se encontram na tabela original, o que ajudou a contextualizar as entradas. Ver tabela em anexo a este artigo.

Naturalmente, surgiram casos mais desafiantes do que outros. Alguns exemplos:

Head tube	760820	4.78 EUR/kg
Head set	871491	7.63 EUR/kg
	871499	9.15 EUR/kg

Os termos *head tube* e *head set* foram dois desses casos que nos levaram a uma análise aprofundada. De acordo com o primeiro passo tomado, a pesquisa por imagens, verificámos que ambas estas peças se encontram na mesma área da bicicleta. No entanto, de acordo com a tabela de referência, trata-se claramente de dois produtos diferentes, uma vez que apresentam subposições do sistema harmonizado diferentes, sendo a subposição SH para *head set* 871491 (quadros e garfos, e suas partes) e para *head tube* 760820 (tubos de ligas de alumínio). Além disso, o valor para os produtos que nos é fornecido pela tabela é igualmente diferente, para *head set* o valor corresponde a 7,63EUR/kg ou 9,15 EUR/kg, enquanto para *head tube* o valor é de 4,78 EUR/kg. Por esse motivo, foi necessário realizar uma pesquisa, a fim de descobrir a diferença entre estes dois termos. Após a realização da pesquisa destes termos em manuais de bicicletas, vídeos em linha e em sítios Web de lojas de bicicletas, constatámos que *head tube* corresponde ao «tubo frontal», uma parte constituinte da chamada «caixa de direção», que por sua vez corresponde a *head set*.

Bag	392321	2.20 EUR/kg
-----	--------	-------------

Outro exemplo para a importância do contexto na tradução é o termo *bag*, também encontrado na tabela em questão. À partida, a tradução deste termo seria simples, sem a necessidade de muita pesquisa. Uma possibilidade de tradução para este termo seria «mala», no entanto, se procurarmos o seu significado no contexto que nos é dado, verificamos que, na verdade, não se trata de uma mala. O código SH para este termo é 392321 e, ao pesquisarmos o seu significado, obtemos: «sacos de quaisquer dimensões, bolsas e cartuchos em polímeros de etileno para transporte ou embalagem de mercadorias». Ao verificarmos esta definição, podemos constatar que não se trata de uma mala, mas sim de uma embalagem que serve para o embalamento de produtos, neste caso, produtos para bicicletas, definição esta que nos fornece uma outra perspetiva relativamente à forma como este termo deve ser traduzido. O baixo valor unitário (2,20 EUR/kg) serve de confirmação.

Fender	871499	9.15 EUR/kg
--------	--------	-------------

O termo *fender* pode colocar também algumas questões. De acordo com a *Infopédia*, *fender* no inglês britânico pode ser um para-choques, hipótese que se deve imediatamente descartar pois o código 871499 corresponde a «partes e acessórios de motocicletas, bicicletas e outros ciclos (incluindo os triciclos) e cadeiras de rodas». Nenhum destes veículos dispõe de para-choques. O termo *fender* é assim utilizado aqui no sentido americano — guarda-lamas.

Shifter / derailleur (front/rear)	871499	9.15 EUR/kg
-----------------------------------	--------	-------------

Um último caso em que foi necessária alguma interpretação no que toca ao significado, foi a tradução de *shifter/derailleur (front/rear)*. Se optarmos por traduzir palavra a palavra, a tradução deste termo para português será «manípulo de mudanças/desviador (dianteiro/traseiro)». No entanto, *shifter* e *derailleur* são dois elementos da bicicleta com funções muito diferentes. O *shifter*, na sua aceção mais corrente — a de manípulo ou manete de mudanças —, funciona como um «interruptor» que permite alterar a velocidade da bicicleta ao nível do desviador (*derailleur*). Um elemento que nos permite encontrar um contexto que nos auxilie a tradução é *front/rear*, ou seja, «dianteiro/traseiro» — um «manípulo de mudanças» nunca poderia ser traseiro, no que toca à realidade do funcionamento de uma bicicleta. Por esse motivo, compreendemos que *shifter/derailleur (front/rear)* se trata meramente do «desviador (dianteiro/traseiro)», esse sim formado por um mecanismo dianteiro (ao nível da roda pedaleira) e um mecanismo traseiro (ao nível do cubo da roda traseira). Ou seja, o termo *shifter* estaria aqui a ser utilizado não como sinónimo de *shift lever*, o comando das mudanças, mas sim de *derailleur*, desviando a corrente para outro carreto ao engrenar nova mudança.

Com este projeto, apreendi a ideia de que é necessário ver para além das palavras. Não basta apenas transpor uma palavra de uma língua para a outra, mas sim compreender igualmente a mensagem que aquela palavra pretende transmitir consoante o contexto que a rodeia. Se tivéssemos traduzido esta tabela palavra a palavra, sem observar o contexto que nos é fornecido, os resultados teriam sido muito diferente daqueles a que se chegou analisando todo o contexto fornecido pela tabela. Verificou-se que se registam algumas diferenças entre a terminologia da pauta e a utilizada mais correntemente em Portugal. Por exemplo, *fork* é «garfo» na pauta, mas «forqueta» é o termo mais utilizado em Portugal.

É igualmente importante não recorrer apenas às ferramentas de tradução assistida por computador, visto que por vezes estas retiram elementos que nos podem ajudar a compreender a mensagem pretendida no texto original.

Acessoriamente, os resultados da pesquisa foram agrupados num artigo do Wiki da Língua Portuguesa, um bloco de notas que visa explicar todo o processo de raciocínio por trás das sugestões apresentadas pelos terminólogos aos tradutores. Desse trabalho resultaram igualmente algumas fichas IATE, que podem ser incorporadas em glossários na tradução assistida por computador.

[lenasofiasantos@hotmail.com](mailto:lenasofiasantos@hotmail.com)

Fator de produção		subposição SH <sup>(2)</sup>	valor unitário das importações	IATE
<i>Tintas e vernizes, à base de polímeros sintéticos ou de polímeros naturais modificados, dispersos ou dissolvidos em meio não aquoso: à base de polímeros ou outros</i>				
Paint	tinta	320820 320890	4,35 EUR/kg 3,81 EUR/kg	
<i>Chapas, folhas, tiras, fitas, películas e outras formas planas, autoadesivas, de plástico, mesmo em rolos</i>				
Sticker	autocolante	391990	5,60 EUR/kg	
<i>Artigos de transporte ou de embalagem, de plástico; rolhas, tampas, cápsulas e outros dispositivos para fechar recipientes, de plástico — Sacos de quaisquer dimensões, bolsas e cartuchos: de polímeros de etileno</i>				
Bag	saco	392321	2,20 EUR/kg	
<i>Artigos de transporte ou de embalagem, de plástico; rolhas, tampas, cápsulas e outros dispositivos para fechar recipientes, de plástico: outros</i>				
Packaging materials	plásticos para embalagem	392390	3,17 EUR/kg	
<i>Outras obras de plástico e obras de outras matérias das posições 3901 a 3914: outras</i>				
Chain cover	proteção de corrente	392690	8,93 EUR/kg	
Reflector	refletor	392690	8,93 EUR/kg	1210292
<i>Pneumáticos novos, de borracha: do tipo utilizado em bicicletas</i>				
Tire	pneu	401150	2,75 EUR/unid.	1218679
<i>Pneumáticos recauchutados ou usados, de borracha; pneus maciços ou ocos, bandas de rodagem para pneumáticos e flaps, de borracha: outros</i>				
Rim tape	fita do aro	401290	3,22 EUR/kg	3500672
<i>Câmaras de ar de borracha: do tipo utilizado em bicicletas</i>				
Inner tube	câmara de ar	401320	0,93 EUR/unid.	1562705
<i>Papel e cartão canelados (ondulados) (mesmo recobertos por colagem), encrespados, plissados, gofrados, estampados ou perfurados, em rolos ou em folhas, exceto o papel do tipo descrito no texto da posição 4803: papel e cartão canelados (ondulados), mesmo perfurados</i>				
Corrugated board	cartão canelado	480810	0,77 EUR/kg	1486063
<i>Caixas, sacos, bolsas, cartuchos e outras embalagens, de papel, cartão, pasta (ouate) de celulose ou de mantas de fibras de celulose: cartonagens para escritórios, lojas e estabelecimentos semelhantes: caixas de papel ou cartão, canelados (ondulados)</i>				
Carton	caixa em cartão	481910	1,11 EUR/kg	1264248
<i>Etiquetas de qualquer espécie, de papel ou cartão, impressas ou não: impressas</i>				
Decal	autocolante de papel	482110	7,77 EUR/kg	
<i>Outros impressos, incluindo as estampas, gravuras e fotografias: impressos publicitários, catálogos comerciais e semelhantes</i>				
Manual	manual	491110	1,95 EUR/kg	1756679
<i>Garrafas, garrafas, frascos, boiões, vasos, embalagens tubulares, ampolas e outros recipientes de vidro próprios para transporte ou embalagem; boiões de vidro para conservas; rolhas, tampas e outros dispositivos para fechar recipientes, de vidro: outros</i>				
Paint bottle	frasco de tinta	701090	0,45 EUR/kg	
<i>Tubos e perfis ocos, sem costura, de ferro ou aço: estirados ou laminados, a frio</i>				
Hi-ten tubes	tubos de aço de alta resistência	730451	1,97 EUR/kg	
<i>Correntes, cadeias, e suas partes, de ferro fundido, ferro ou aço: correntes de rolos / Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713<sup>(3)</sup>: outros</i>				
Chain	corrente	731511	14,23 EUR/kg	
<i>Parafusos, pinos ou pernos, roscados, porcas, tira-fundos, ganchos roscados, rebites, chavetas, cavilhas, contrapinos ou troços, anilhas (arruelas) (incluindo as de pressão) e artigos semelhantes, de ferro fundido, ferro ou aço: outros parafusos e pinos ou pernos, mesmo com as porcas e anilhas (arruelas)</i>				
Screw	parafuso	731815	3,69 EUR/kg	1591954
<i>Parafusos, pinos ou pernos, roscados, porcas, tira-fundos, ganchos roscados, rebites, chavetas, cavilhas, contrapinos ou troços, anilhas (arruelas) (incluindo as de pressão) e artigos semelhantes, de ferro fundido, ferro ou aço: porcas</i>				
Carrier fixing nut	porca de fixação de porta-bagagem	731816	5,55 EUR/kg	
Rivet	rebite	731816	5,55 EUR/kg	1211158
Screw/bolt	ligações roscadas	731816	5,55 EUR/kg	
Water bottle fixing nut (boss)	porca de fixação de bidão de água (flange)	731816	5,55 EUR/kg	
<i>Tubos de alumínio: de ligas de alumínio</i>				
Alloyed aluminium tube	tubo de liga de alumínio	760820	4,78 EUR/kg	
Head tube	tubo frontal	760820	4,78 EUR/kg	3581330
Tube	tubo	760820	4,78 EUR/kg	
<i>Cadeados, fechaduras e ferrolhos (de chave, de segredo ou elétricos), de metais comuns; fechos e armações com fecho, com fechadura, de metais comuns; chaves para estes artigos, de metais comuns: outras fechaduras; ferrolho</i>				
Lock	cadeado	830140	14,33 EUR/kg	1212240

<i>Sinos, campainhas, gongos e artigos semelhantes, não elétricos, de metais comuns; estatuetas e outros objetos de ornamentação, de metais comuns; molduras para fotografias, gravuras ou semelhantes, de metais comuns; espelhos de metais comuns: sinos, campainhas, gongos e artigos semelhantes, não elétricos, de metais comuns; estatuetas e outros objetos de ornamentação, de metais comuns; molduras para fotografias, gravuras ou semelhantes, de metais comuns; espelhos de metais comuns</i>				
Bell	campainha	830610	12,47 EUR/kg	
<i>Placas indicadoras, placas sinalizadoras, placas-endereços e placas semelhantes, números, letras e sinais diversos, de metais comuns, exceto os da posição 9405</i>				
Alloy badge	emblema em liga metálica	831000	11,02 EUR/kg	
<i>Aparelhos elétricos de iluminação ou de sinalização (exceto os da posição 8539), limpadores de para-brisas, degeladores e desembaciadores elétricos, do tipo utilizado em ciclos ou automóveis: aparelhos de iluminação ou de sinalização visual do tipo utilizado em bicicletas</i>				
Lights	luzes	851210	3,20 EUR/kg	
<i>Discos, fitas, dispositivos de armazenamento de dados não voláteis à base de semicondutores, «cartões inteligentes» e outros suportes para gravação de som ou para gravações semelhantes, mesmo gravados, incluindo as matrizes e moldes galvânicos para fabricação de discos, exceto os produtos do capítulo 37: outros</i>				
Disc for owner's manual	disco do manual do utilizador	852349	335,30 EUR/kg	
<i>Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713: quadros e garfos, e suas partes</i>				
Carbon fork blade	braço da forqueta em carbono	871491	7,63 EUR/kg	
Crown for frame head tube	coroa do tubo frontal do quadro	871491	7,63 EUR/kg	
Fork	forqueta	871491	7,63 EUR/kg	3568817
Fork <sup>(4)</sup> for frame	forqueta do quadro	871491	7,63 EUR/kg	
Frame triangle	triângulo do quadro	871491	7,63 EUR/kg	
Frame accessory	acessório do quadro	871491	7,63 EUR/kg	
Frame bridge	ponte do quadro	871491	7,63 EUR/kg	
Full frame	quadro completo	871491	65,63 EUR/unid.	
Gusset for frame	reforço do quadro	871491	7,63 EUR/kg	
Hanger for frame	suporte no quadro	871491	7,63 EUR/kg	
Head set	caixa de direção	871491	7,63 EUR/kg	3581332
Parts to assemble on frame head tube	peças para montar no tubo frontal	871491	7,63 EUR/kg	
Rear fork ends	extremidades do garfo traseiro	871491	7,63 EUR/kg	
<i>Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713: aros e raios</i>				
Rim	aro	871492	3,01 EUR/kg	3581385
Rim set w/o tire & tube	conjunto de aros sem pneu nem câmara de ar	871492	3,01 EUR/kg	
Spoke	raio	871492	3,01 EUR/kg	
<i>Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713: cubos, exceto de travões (freios), e pinhões de rodas livres</i>				
Freewheel	roda livre	871493	15,53 EUR/kg	1656120
Hub	cubo	871493	15,53 EUR/kg	3581393
Wheel sets	cassetes de carretos	871493	15,53 EUR/kg	
<i>Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713: travões (freios), incluindo os cubos de travões (freios), e suas partes</i>				
Brake	travão	871494	7,48 EUR/kg	
Brake cable	cabo de travão	871494	7,48 EUR/kg	
Brake inner wire	cabo interior de travão	871494	7,48 EUR/kg	
Brake lever	manete de travão	871494	7,48 EUR/kg	1698928
Brake pivot	pivô de travão	871494	7,48 EUR/kg	
Disc mount bracket	suporte do disco do travão	871494	7,48 EUR/kg	
Disk brake	travão de disco	871494	7,48 EUR/kg	1698458
Outer casing cap	ponteira da bicha	871494	7,48 EUR/kg	
Outer casing cap for brake	ponteira da bicha dos travões	871494	7,48 EUR/kg	
Rotor	disco de travão	871494	7,48 EUR/kg	
Wire	cabo	871494	7,48 EUR/kg	
<i>Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713: selins</i>				
Saddle	selim	871495	6,15 EUR/kg	
<i>Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713: pedais e pedaleiros, e suas partes</i>				
Chainwheel	prato	871496	7,41 EUR/kg	3569028
Pedal	pedal	871496	8,93 EUR/par	2243527
<i>Partes e acessórios dos veículos das posições 8711 a 8713: outros</i>				
Accessory box	caixa de acessórios	871499	9,15 EUR/kg	
Axle peg	peseira	871499	9,15 EUR/kg	3581351
B.B. parts	peças do movimento pedaleiro	871499	9,15 EUR/kg	

B.B. set	conjunto do movimento pedaleiro	871499	9,15 EUR/kg	3581340
B.B. shell	adaptador do movimento pedaleiro	871499	9,15 EUR/kg	
B.B. axle	eixo pedaleiro	871499	9,15 EUR/kg	
Bar end	extensor	871499	9,15 EUR/kg	3581353
Basket	cesto	871499	9,15 EUR/kg	
Basket bracket	suporte de cesto	871499	9,15 EUR/kg	
Battery	bateria	871499	9,15 EUR/kg	
Brake cable housing	bicha de travão	871499	9,15 EUR/kg	
Bridge	ponte	871499	9,15 EUR/kg	
Cable guide	guia de cabo	871499	9,15 EUR/kg	
Cable stopper	terminal de cabo	871499	9,15 EUR/kg	
Chain	corrente	871499	9,15 EUR/kg	
Chain adjuster	tensor da corrente	871499	9,15 EUR/kg	1165378
Chain guard	guarda-corrente	871499	9,15 EUR/kg	1191410
Chaincover bracket	suporte da proteção de corrente	871499	9,15 EUR/kg	
CKD set	conjunto para montagem	871499	9,15 EUR/kg	
Crank set	conjunto pedaleiro	871499	9,15 EUR/kg	3581362
Derailleur cable	cabo de desviador	871499	9,15 EUR/kg	
Derailleur protector cage	proteção de desviador	871499	9,15 EUR/kg	
Electric accessory	acessório elétrico	871499	9,15 EUR/kg	
End cap for grip	tampa de guiador	871499	9,15 EUR/kg	
Fender	guarda-lamas	871499	9,15 EUR/kg	1214518
Grip	punho	871499	9,15 EUR/kg	
Handle bar	guiador	871499	9,15 EUR/kg	1214627
Handlebar stem	avanço do guiador	871499	9,15 EUR/kg	1214628
Hub cap	tampa do cubo	871499	9,15 EUR/kg	1698248
Joint	articulação	871499	9,15 EUR/kg	
Kick-stand	descanso	871499	9,15 EUR/kg	3581363
Kickstand plate	placa do descanso	871499	9,15 EUR/kg	
Other accessories	outros acessórios	871499	9,15 EUR/kg	
Packing accessories	acessórios para embalagem	871499	9,15 EUR/kg	
Quick release	aperto rápido	871499	9,15 EUR/kg	
Rear carrier	porta-bagagem traseiro	871499	9,15 EUR/kg	3581387
Reflector bracket	suporte de refletor	871499	9,15 EUR/kg	
Rotor/accessory parts for basket/accessory parts for fender	disco/peças acessórias para cesto/peças acessórias para guarda-lamas	871499	9,15 EUR/kg	
Seat clamp	carrinho de selim	871499	9,15 EUR/kg	3581369
Seat collar	aperto de espigão	871499	9,15 EUR/kg	3581380
Seat post	espigão de selim	871499	9,15 EUR/kg	3569026
Seat stay bridge	ponte da escora superior	871499	9,15 EUR/kg	
Shift lever	manípulo de mudanças	871499	9,15 EUR/kg	3581389
Shifter / derailleur (front/rear)	desviador (dianteiro/traseiro)	871499	9,15 EUR/kg	1214623
Shifter inner wire	cabo do desviador	871499	9,15 EUR/kg	
Shifter outer cable	bicha do desviador	871499	9,15 EUR/kg	
Spoke protector	protetor de raios	871499	9,15 EUR/kg	
Suspension	suspensão	871499	9,15 EUR/kg	804012
Suspension accessories	acessórios da suspensão	871499	9,15 EUR/kg	
Tools	ferramentas	871499	9,15 EUR/kg	
Training wheel	roda lateral	871499	9,15 EUR/kg	3581383
Valve	válvula	871499	9,15 EUR/kg	
V-shape stay for fender	varetas em V para guarda-lamas	871499	9,15 EUR/kg	
Wire	cabo	871499	9,15 EUR/kg	

(1) O sistema de classificação de mercadorias da UE utiliza códigos que podem ir até 10 algarismos, correspondendo os seis primeiros a capítulos, posições e subposições do Sistema Harmonizado e os restantes a códigos da Nomenclatura Combinada (NC) e da Pauta Aduaneira Integrada da União Europeia (TARIC). Exemplo:

64	<i>Calçado, polainas e artefactos semelhantes; e suas partes</i>	(Capítulo SH)
	<i>Partes de calçado (incluindo as partes superiores, mesmo fixadas a</i>	
6406	<i>solas que não sejam as solas exteriores); palmilhas amovíveis;</i>	(Posição SH)
	<i>reforços interiores e artefactos semelhantes amovíveis; polainas,</i>	
	<i>perneiras e artefactos semelhantes, e suas partes</i>	
6406 10	<i>Partes superiores de calçado e seus componentes, exceto contrafortes</i>	(Subposição SH)
	<i>e biqueiras rígidas</i>	
6406 10 10	<i>De couro</i>	(Código NC)
6406 10 10 10	<i>Feitos à mão</i>	(Código TARIC)
6406 10 10 90	<i>Outros</i>	(Código TARIC)

(2) Regulamento de Execução (UE) 2018/1602 da Comissão, de 11 de outubro de 2018, que altera o anexo I do Regulamento (CEE) n.º 2658/87 do Conselho relativo à nomenclatura pautal e estatística e à pauta aduaneira comum, <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32018R1602&from=PT>.

(3) 8711 — Motocicletas (incluindo os ciclomotores) e outros ciclos equipados com motor auxiliar, mesmo com carro lateral; carros laterais; 8712 — Bicicletas e outros ciclos (incluindo os triciclos), sem motor; 8713 — Cadeiras de rodas e outros veículos para pessoas com incapacidade, mesmo com motor ou outro mecanismo de propulsão.

(4) *York* no original.



## Maiusculização dos nomes comuns? O caso das castas de uvas

*Paulo Correia*

*Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia*

Fora dos dicionários e outras fontes lexicográficas, uma estranha maleita espalha-se pela língua portuguesa. Ela atinge, por exemplo, os nomes comuns de variedades de espécies dos reinos vegetal e animal, sobretudo de variedades domesticadas: castas, cultivares, raças, etc. O sintoma é os nomes deixarem de se escrever com **minúscula inicial** (como nomes comuns) e passarem a escrever-se com **maiuscula inicial** (como se fossem nomes próprios)<sup>(1)</sup>. Pelo menos é essa atualmente a prática de muitos autores portugueses. Alguns exemplos extraídos de textos encontrados na Internet:

Aromas finos e vibrantes do **Alfrocheiro** combinados com as notas de violetas e frutos azuis da **Touriga Nacional**.<sup>(2)</sup>

Os **Sauvignon Blancs** são ácidos, tendo o **Melão**, **Maçãs Verdes** e **Espargos** como alguns dos aromas predominantes.<sup>(3)</sup>

Da vindima de 2014, após o estágio de 12 meses em **Carvalho Francês**, selecionámos as 12 melhores barricas da Quinta de Fafide.<sup>(4)</sup>

Em Trás-os-Montes também existe uma grande diversidade de variedades de oliveira, sendo as mais conhecidas e difundidas a **Cobrançosa**, a **Verdeal Transmontana**, a **Madural**, e a **Cordovil**, que representam a maioria das oliveiras da Terra Quente Transmontana.<sup>(5)</sup>

Das variedades com maior expressão de cultivo em Portugal destacam-se: as **Golden Delicious**, as **Gala (Royal Gala)**, as **Red Delicious/Starking**, **Jonagold** e **Jonagored**, **Reineta (Parda e Branca)** e **Bravo de Esmolfe**.<sup>(6)</sup>

Economicamente, as duas espécies mais importantes são o *Coffea arabica* (café **Arábica**) – que responde por mais de 60% da produção mundial — e o *Coffea canephora* (café **Robusta**). Duas outras espécies cultivadas em menor escala são o *Coffea liberica* (café **Libérica**) e o *Coffea dewevrei* (café **Excelsa**).<sup>(7)</sup>

São consideradas perigosas as raças **Cão de Fila Brasileiro, Pit Bull Terrier, Dogue Argentino, Tosa Inu, Rottweiler, Staffordshire Bull Terrier e Staffordshire Terrier Americano**.<sup>(8)</sup>

Essa estranha maleita afeta também a grafia dos nomes dos pequenos povos, embora a dos grandes pareça estar, por enquanto, imune. Exemplos:

Atualmente os **Inuit** trabalham em todos os setores da economia, incluindo mineração, petróleo e gás, construção, no governo e em serviços administrativos.<sup>(9)</sup>

O problema é que os **americanos** suspeitavam de que os **soviéticos** já tinham enviado uma sonda à Lua e não estavam certos de poder reclamar a primeira «aterragem» ou «alunagem».<sup>(10)</sup>

Esta verdadeira «maiusculite» dos nomes comuns parece manifestar-se também nos textos dos serviços de tradução das instituições europeias. Face a esta situação, o Grupo Interinstitucional de Terminologia Portuguesa sentiu-se na necessidade de clarificar o conteúdo do ponto 10.7 — Maiúsculas e minúsculas — do *Código de Redação Interinstitucional*, chamando a atenção para casos em que se devem usar **minúsculas iniciais**<sup>(11)</sup>, como seja em designações gerais de cargos (ex.: o ministro da Energia), de partes de documentos (ex.: o anexo III), de acidentes geográficos (ex.: a serra da Estrela), de etnónimos (ex.: os inuítes), etc.

Um dos setores onde a «maiusculite» é mais evidente é o da **vitivinicultura**, constituindo por isso um bom **caso de estudo**.

### *Nomes das castas de uvas*

A antiguidade das castas<sup>(12)</sup> nacionais ou ibéricas da videira *Vitis vinifera* subsp. *vinifera* pode ser facilmente comprovada em fontes portuguesas dos séculos XVIII e XIX, consultáveis na biblioteca do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), em Lisboa, ou no Google Livros<sup>(13)</sup>. É o caso, por exemplo, no livro *Agricultura das Vinhas*<sup>(14)</sup>, de 1712:

As uvas **trincadeiras**, ou **olho de lebre**, hé muito boa casta, porque dá baftante novidade, ainda que não tinge muito.

Muitos outros exemplos de castas podem ser recolhidos também no *Tratado theorico e pratico da agricultura das vinhas*<sup>(15)</sup>, de 1822, ou na *Segunda memória sobre os Processos de Vinificação*, de 1868<sup>(16)</sup>, entre outras obras. Nessas obras é possível verificar que à época, além de só se plantarem castas nacionais ou ibéricas, os nomes das castas são **nomes comuns**, isto é, escritos com minúsculas iniciais (excetuando-se casos em que o nome da casta remete para nomes de pessoas ou lugares).

Em meados do século XIX começou a pensar-se em dotar as variedades cultivadas de **nomes científicos** que as distinguissem das variedades encontradas na natureza. Esse trabalho culminou um século depois no Código Internacional de Nomenclatura de Plantas Cultivadas. Ficou, assim, decidido que os nomes científicos seriam uma extensão dos nomes científicos das espécies. Exemplo:

nome comum:       **trincadeira**  
nome científico:   *Vitis vinifera* ‘Trincadeira’

No nome científico, o nome da casta (sempre numa língua que não seja o latim) aparece após o nome da espécie e é grafado com maiúsculas iniciais entre **aspas simples**. A omissão de diacríticos é encorajada. Os nomes científicos das castas são, porém, pouco utilizados na bibliografia portuguesa. Uma base de referência para estes nomes é o GnpIS<sup>(17)</sup>.

Em Portugal, as castas de uvas aptas à produção de vinho estão atualmente fixadas em lista publicada no *Diário da República* (DR) pela Portaria n.º 380/2012 (DR 2012)<sup>(18)</sup>, de acordo com a legislação

européia<sup>(19)</sup>, sendo a sua atualização da responsabilidade do IVV, que a disponibilizada na Internet (IVV 2019)<sup>(20)</sup>.

A Portaria n.º 380/2012 indica para cada casta os códigos da Coleção Ampelográfica Nacional (CAN) do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária. As castas nacionais estão também integradas no catálogo VIVC<sup>(21)</sup> e na base de dados europeia *Vitis*<sup>(22)</sup>.

### A(s) prática(s) ortográfica(s)

A observação dos contrarrótulos das garrafas dos vinhos portugueses permite verificar a tendência dos produtores de usar **maiúsculas iniciais** nos nomes das castas, tratando-as assim como **nomes próprios**.

Vinho jovem e frutado produzido a partir das castas **Aragonez, Trincadeira, Alicante Bouschet, Syrah e Castelão**

This is a young fruity wine produced from grapes **Aragonez, Trincadeira, Alicante Bouschet, Syrah and Castelão**<sup>(23)</sup>

Poderá ser uma questão de destaque relativamente à mancha gráfica (muitas vezes o negrito acompanha as maiúsculas iniciais), poderá ser a influência do nome científico (mas sem as aspas) ou poderá ainda ser a eventual influência da bibliografia em língua inglesa. No entanto, embora minoritárias, há obras da especialidade que continuam a utilizar as minúsculas iniciais, como é o caso d' *O Grande Livro do Vinho*<sup>(24)</sup>.

A prática atual da maioria dos produtores e divulgadores da especialidade está, porém, em oposição com a da totalidade dos vocabulários e dicionários da língua portuguesa em todas as suas variantes geográficas e ortográficas. Sendo as castas variedades da videira uma espécie vegetal, parece lógico que as designações correntes dessas variedades se escrevam com **minúsculas iniciais**, como é tradição em português para os **nomes comuns**.

Embora o uso da maiúscula inicial nos nomes das castas pelos viticultores seja o aspeto mais visível, há outras questões ortográficas ligadas à tendência para a transformação dos nomes das castas em nomes próprios.

O *Diário da República* usa, pelo menos desde a Portaria 428/2000 (DR 2000)<sup>(25)</sup>, **hífenes nas locuções** que representam nomes de castas, tratando-as, assim, objetivamente como **nomes comuns** de variedades vegetais. Com as regras ortográficas em vigor, o uso do hífen, que era opcional, passa a ser a regra<sup>(26)</sup>. As entradas dos vocabulários ortográficos e dicionários da língua portuguesa utilizam igualmente os hífenes. Nos termos em forma de locuções, os nomes geográficos e de pessoas são também escritos com minúsculas iniciais.

O uso de maiúsculas iniciais e de hífenes no *Diário da República* em tabelas poderá estar apenas ligado ao facto de os nomes das castas aparecerem aí tratados como títulos<sup>(27)</sup>.

Exemplos:

CAN <sup>(18)</sup>	VIVC <sup>(21)</sup>	cor	nome comum <sup>(referências(28))</sup>	DR 2012 <sup>(18)</sup>	IVV 2019 <sup>(20)</sup>
PRT52316	493	B	<b>antão-vaz</b> <sup>(I,A)</sup>	Antão-Vaz	Antão Vaz
PRT50218	40707	B	<b>arinto-dos-açores</b>	Arinto-dos-Açores	Arinto dos Açores
PRT52810	4100	B	<b>fernão-pires</b> <sup>(I,P,A,VP,VB)</sup>	Fernão-Pires	Fernão Pires
PRT51108	17723	T	<b>tinta-de-lisboa</b>	Tinta-de-Lisboa	Tinta de Lisboa
PRT52206	12594	T	<b>touriga-nacional</b> <sup>(I,VB)</sup>	Touriga-Nacional	Touriga Nacional



Sendo nomes comuns, os nomes de castas com **ortografia estrangeira**, além dos hífenes nas locuções, devem ser grafados em **itálico**, conservando os **diacríticos** próprios das línguas de origem de cada casta.

O *Diário da República* utiliza sempre o hífen nos nomes estrangeiros de castas (ex.: *cabernet-sauvignon*), mas em relação ao uso de diacríticos é difícil compreender o critério utilizado. Assim, a Portaria n.º 380/2012 mantém os diacríticos da língua de origem em *jacquère* ou *müller-thurgau*, mas retira-os total ou parcialmente em *carménère* (*carmenère* [sic]), *côt* (*cot* [sic]), *fetească-albă* (*feteasca-alba* [sic]), *jaén* (*jaen* [sic]) ou *sémillon* (*semillon* [sic]). Serão porventura lapsos, como o parece provar a correção de *gewürztraminer* [sic] (DR 2000) para *gewürztraminer* (DR 2012) e de *arns-burguer* [sic] (DR 2000) para *arnsburger* (DR 2012).

O *assaraky* é uma casta portuguesa com grafia estrangeira, resultante do cruzamento malvasia-fina × *rosaky* (assario + *rosaky*). Assario é sinónimo de malvasia-fina.

Resumindo:

CAN <sup>(18)</sup>	VIVC <sup>(21)</sup>	co r	nome comum <sup>(origem(21))</sup>	DR 2012 <sup>(18)</sup>	IVV 2019 <sup>(20)</sup>
PRT40602	630	B	<i>arnsburger</i> <sup>(DE)</sup>	Arnsburger <sup>(29)</sup>	ArnsBurguer
PRT40404	713	B	<i>assaraky</i> <sup>(PT)</sup>	Assaraky	Assaraky
PRT53606	1929	T	<i>cabernet-sauvignon</i> <sup>(FR)</sup>	Cabernet-Sauvignon	Cabernet Sauvignon
PRT60008	2109	T	<i>carménère</i> <sup>(FR)</sup>	Carmenère	Carmenère
PRT60010	2889	T	<i>côt</i> <sup>(FR)</sup>	Cot	Cot
PRT60014	4119	B	<i>fetească-albă</i> <sup>(RO)</sup>	Feteasca-Alba	Feteasca Alba
PRT53904	12609	R	<i>gewürztraminer</i> <sup>(IT)</sup>	Gewürztraminer <sup>(30)</sup>	Gewurztraminer
PRT52503	7623	T	<i>jaén</i> <sup>(ES)</sup>	Jaen	Jaen
PRT53212	11480	B	<i>sémillon</i> <sup>(FR)</sup>	Semillon	Semillon

Sendo nomes comuns, não se vislumbra motivo para que os nomes das castas não obedeam às restantes **regras ortográficas em vigor**. É assim difícil compreender o uso de formas com ortografia por vezes anterior à reforma ortográfica de 1911, tais como *aragonez*, *pexem*, *terrantez*, *verdial*, etc. Os vocabulários e dicionários registam a ortografia atual (aragonês, pexém, terrantês, verdeal, etc.).

Eventualmente, tal como se faz com alguns nomes próprios (sobretudo apelidos), talvez se queira exprimir a antiguidade da casta, que remontaria assim ao pré-1911.

Alguns exemplos e respetiva análise:

1) aragonês, tamarês, terrantês (vs. aragonez, tamarez, terrantez)

Nestes três casos a etimologia é (mais ou menos) evidente: Aragão, tâmara, terra. A questão prende-se com a grafia do sufixo, que exprime a ideia de origem: grafia atual (-ês) ou grafia pré-1911 (-ez). Com a grafia atual: aragonês, tamarês, terrantês.

Os dicionários apresentam ainda: tinta-roriz como sinónimo de aragonês; e tarrantês e galego-de-montemor como sinónimos de terrantês. Estes dois últimos sinónimos não estão na tabela do DR 2012.

2) boal, cerceal, verdeal (vs. bual, cercial, verdial)

Nestes três casos a etimologia pode ser menos evidente. Os dicionários apontam para boa, cércea e verde, o que conduz às formas boal, cerceal e verdeal registadas nos vocabulários e dicionários.

O DR 2012 utiliza a ortografia *bual* apenas como sinónimo de *malvasia-fina*; nos restantes casos utiliza *boal*. O DR utiliza *cercial*, mas *cerceal-branco*. A grafia *verdial*, utilizada pelo DR, não é reconhecida pelos vocabulários e dicionários para palavra derivada de verde.

3) pexém, tintém (vs. pexem, tintem)

Enquanto os exemplos anteriores não levantam dúvidas quanto à leitura, o mesmo não se pode dizer de *pexem* e *tintem* (DR 2012, provavelmente com ortografias pré-1911). Não será que se queria escrever (e que se pronunciasse) *pexém* e *tintém*?

Os dicionários registam *pexém* e sobretudo a variante *pexão*, não reconhecida no DR. O dicionário Aulete, o mais português dos dicionários brasileiros<sup>(31)</sup>, regista além de *pexém* e *pexão*, as variantes *pexã* e *pachão*. Nenhuma destas variantes é reconhecida no DR.

O termo *tintém* não ocorre nos vocabulários e dicionários consultados. Aparece porém no portal da Prodeuro, num caderno de especificações, entre as castas aptas à produção de vinho com direito à indicação geográfica *Duriense*<sup>(32)</sup>.

4) folgosão, viozinho (vs. folgasão, viosinho)

Estes são casos mais complicados, relacionados também com a etimologia.

O termo *folgosão* é registado por vários dicionários. Segundo o (luso-)brasileiro Aulete, *folgosão* derivaria do topónimo *Folgosa*, localidade do município de Armamar, no Douro. Apenas o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* regista *folgazão* (não *folgasão*, como no DR 2012) como casta de uva branca.

Segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, *viozinho*, derivaria de *veozinho*, diminutivo de *véu*. Aliás o Aulete regista *veuzinho*. Tratando-se de um diminutivo, não é natural o sufixo *-sinho*, como consta no DR e na *Infopédia*.

*Vêozinho verdeal*, dá muito, e bom vinho, convém a terrenos medianos.<sup>(33)</sup>

5) pero-pinhão, tinta-penajoia

Notar a curiosidade de as grafias arcaizantes (pré-1911) *pero-pinhão* e *tinta-penajoia* aparecerem adaptadas às regras ortográficas atuais, pela ausência dos acentos em *pero* e *-joia*. No entanto, o DR já as registava assim em 2000.

6) cerceal, sercial

*Cerceal* — *Sercial* — *Sarcial* — ou *Esgana-cão*. Com o primeiro nome é conhecida nas vinhas da Beira Alta, em alguns sítios da Extremadura e na Ilha da Madeira; e com o nome de *Esgana-cão* na Bairrada e em outras regiões. No Minho também é denominada *esgana-cão*, *esganosa* e *esganinho*. (...) Os vinhos serciais da Madeira são os mais estimados.<sup>(34)</sup>

O uso desde longa data dos nomes das castas e a existência das mesmas castas em várias regiões prestou-se ao aparecimento de muitos casos de **sinonímia** e **homonímia**, que os modernos estudos dos génotipos das diferentes castas têm ajudado a esclarecer.

Por exemplo, a Portaria n.º 380/2012, que incorpora os resultados de estudos dos génotipos das castas, corrige, revogando-a, a anterior portaria de 2000, eliminando nomes de castas que passam a sinónimos e promovendo anteriores falsos sinónimos a novas castas<sup>(35)</sup>. Assim: a *graciosa* passa a ser sinónimo de *bastardo* e a *molar* sinónimo de *tinta-negra*; a *malvasia-rei* e a *malvasia-romana* deixam

de ser consideradas sinónimos e passam a castas distintas; idem para os pares malvasia/malvoeira e tinta-fontes/tinta-francisca.

Com base nesta informação baseada no estudo dos genótipos, fica excluída a hipótese de cerceal (cercial) e sercial serem variantes ortográficas de uma mesma casta, o que poderia à partida pensar-se dado a lista do DR 2012 utilizar diferentes regras ortográficas. Se se consultar o dendograma dos genótipos das castas portuguesas verifica-se mesmo estarem a cerceal e a sercial bastante afastadas<sup>(36)</sup>, o que parece indicar que dicionários como Porto Editora, Priberam ou Aulete necessitam ser atualizados ao indicarem como sinónimos cerceal, sercial, esgana-cão, esganinho, esganoso.

CAN PRT52412 — cerceal  
 CAN PRT40505 — sercial; esgana-cão  
 CAN PRT41103 — esganinho  
 CAN PRT50915 — esganoso

Resumindo:

CAN <sup>(18)</sup>	VIVC <sup>(21)</sup>	cor	nome comum <sup>(referências(28))</sup>	DR 2012 <sup>(18)</sup>	IVV 2019 <sup>(20)</sup>
PRT52603	12350	T	<b>aragonês</b> <sup>(I,P)</sup>	Aragonez	Aragonez
PRT52512	715	B	<b>boal</b> <sup>(I,P,A,VP,VB)</sup>	Bual <sup>(37)</sup>	Bual
PRT54012	371	B	<b>cainho</b> <sup>(E,VP,VB)</sup>	Cainho	Caínho
PRT52412	16437	B	<b>cerceal</b> <sup>(I,P,A,VP,VB)</sup>	Cercial	Cercial
PRT52709	4178	B	<b>folgoso</b> <sup>(I,P,A,VP,VB)</sup>	Folgasão	Folgasão
PRT40604	17689	B	<b>malvasia</b> <sup>(I,P,A,M,VP,VB)</sup>	Malvasia <sup>(38)</sup>	Malvasia
PRT54023	17709	T	<b>pero-pinhão</b>	Pero-Pinhão	Pero Pinhão
PRT54025	9212	T	<b>pexém</b> <sup>(A,VB)</sup>	Pexem	Pexem
PRT40505	11497	B	<b>sercial</b> <sup>(P,M,VB)</sup>	Sercial	Sercial
PRT51910	12231	B	<b>tamarês</b> <sup>(I,P,A,VP,VB)</sup>	Tamarez	Tamarez
PRT52210	12377	B	<b>terrantês</b> <sup>(I,P,A,M,E,VP,VB)</sup>	Terrantez	Terrantez
PRT51208	9107	T	<b>tinta-penajoia</b>	Tinta-Penajoia	Tinta Penajoia
PRT52505	1132	T	<b>tintém</b>	Tintem	Tintem
PRT54032	23980	B	<b>verdeal-branco</b> <sup>(cf. I,P,A,E,VB)</sup>	Verdial-Branco	Verdial Branco
PRT41208	23217	T	<b>verdeal-tinto</b> <sup>(cf. I,P,A,E,VB)</sup>	Verdial-Tinto	Verdial Tinto
PRT52715	13109	B	<b>viozinho</b> <sup>(P)</sup>	Viosinho	Viosinho

Atualmente, das mais de 340 castas listadas em Portugal, cerca de dois terços são castas nacionais ou ibéricas. Entre as castas estrangeiras que não têm sinónimo português há castas com diferentes países de origem, que podem ser facilmente verificadas na base VIVC:

- francesas — *alicante-bouschet, aramon, arinarnoa*<sup>(39)</sup>, *cabernet-franc, cabernet-sauvignon, caladoc, chardonnay, carignan, carménère, chenin, colombar, chambourcin, chasselas-cioutat, cinsaut, cô, durif, gamay, grand-noir, grenache, jacquère, liliorila*<sup>(40)</sup>, *marsanne, marselan, merlot, mondet, moscadet*<sup>(41)</sup>, *petit-bouschet, petit-manseng, petit-verdot, pinot-blanc, pinot-gris, pinot-noir, roussanne, sauvignon, semillon, syrah, tannat, teinturier, viognier*
- italianas — *aglianico, dolcetto, gewürztraminer, greco, malvasia-bianca, nebbiolo, nero-d'avola, sangiovese*
- alemãs — *acolon, bacchus, cabernet-cubin, cabernet-dorsa, cabernet-mitos, dornfelder, riesling*
- suíças — *chasselas, müller-thurgau*
- austríacas — *grüner-veltliner, rotgipfler*
- romenas — *fetească-albă*
- croatas — *zinfandel*
- eslovenas — *blaufränkisch*
- húngaras — *nero*.

### Outras geografias

O uso de minúsculas iniciais para as castas mantém-se, por exemplo, em francês ou espanhol, línguas latinas vizinhas importantes no domínio vitivinícola.

*Le porto est produit dans les trois couleurs. Les rouges, majoritaires, sont issus des cépages **touriga nacional, tinto cão, tinta roriz, tinta barroca et touriga francesa.***<sup>(42)</sup>

*La **malvasía** (mayoritaria), la **viura** y la **garnacha blanca** proceden del Palomar (cerca de Dicastillo, arenisca y caliza en llano), certificado en ecológico, pero con trabajo biodinámico. Las uvas se despalillan y fermentan espontáneas en barricas de roble francés de 600 litros.*<sup>(43)</sup>

Também no Brasil, documentos oficiais<sup>(44)</sup> e obras de referência parecem manter a tradição de grafar os nomes das castas de uvas com minúscula inicial. Ver exemplo extraído do *Dicionário do Vinho*<sup>(45)</sup>:

Vinho tinto produzido na região da Bairrada, a partir das uvas **baga, camarate, castelão nacional, bastardo, jaén, alfrocheiro-preto, touriga nacional, trincadeira-preta e rufete.**

### Nomes de IGP & DOP

Ainda no domínio da vitivinicultura, uma palavra sobre tipos de vinho, DOP e IGP. Os **tipos** de vinho ou de outras bebidas alcoólicas são nomes comuns, logo deverão escrever-se com minúscula inicial (ex.: uma jeropiga, uma ginjinha, um bordéus, um champanhe, um *muscadet*, um porto, um xerez, um colares, um bucelas, um moscatel). Já as denominações de **origem** protegida (DOP) e indicações **geográficas** protegidas (IGP) são nomes próprios. Um bom exemplo retirado do *Anuário de Vinhos e Aguardentes de Portugal 2017*<sup>(46)</sup> é a IGP Tejo, com a sua DOP DoTejo. Aqui sim, estamos no domínio das «marcas»; a ortografia é livre.

Talvez por no anuário 2017 do IVV as castas virem grafadas com maiúsculas iniciais, houve aí necessidade de indicar os nomes das IGP e DOP entre aspas, permitindo assim, por exemplo, distinguir a DOP «Graciosa» da casta Graciosa. Não é mais claro e simples Graciosa (DOP) e graciosa (casta)?

### Conclusão

Há assim, quando se fala de castas de uvas — ou seja, de tipos de uvas —, dois mundos com práticas opostas:

- a) a prática baseada nas regras ortográficas correntes da língua portuguesa — o mundo dos vocabulários e dicionários da língua portuguesa —, em que as castas são tratadas como nomes comuns, com minúsculas iniciais e ortografia atualizada;
- b) a prática no setor vitivinícola português — o mundo dos rótulos, contrarrótulos e textos promocionais —, em que as castas são tratadas como nomes próprios, como «quase marcas»<sup>(47)</sup>, com maiúsculas iniciais e sem necessidade de obedecer a quaisquer regras ortográficas em vigor no português ou em qualquer outra língua.

Embora se compreenda o uso das maiúsculas nos nomes das castas num contexto promocional para destaque de características valorizadas pelo consumidor e pelos enólogos, em textos correntes ou legislativos, como os das instituições europeias, parece ser de evitar o uso das maiúsculas iniciais e de ortografias arcaizantes para as castas portuguesas. Poderá compreender-se o uso de maiúsculas iniciais em tabelas em que as entradas são tratadas como títulos, mas não em texto corrido.

Em anexo a este artigo inclui-se a lista das castas aptas à produção de vinho em Portugal que podem ser plantadas, replantadas ou enxertadas. A lista tem por base as listas publicadas no IVV<sup>(20)</sup>, mas as entradas são abordadas como **nomes comuns**, assinalando-se a negrito os nomes em que a ortografia

foi harmonizada. A lista incorpora ainda as atualizações ao nível das entradas decorrentes da Portaria n.º 380/2012.

[Paulo.Correia@ec.europa.eu](mailto:Paulo.Correia@ec.europa.eu)

*Nomes comuns das castas de uvas aptas à produção de vinho em Portugal*

Castas brancas			Castas tintas e rosadas		
Nome principal	Sinónimo reconhecido	Cor	Nome principal	Sinónimo reconhecido	Cor
<b>A</b>					
alicante-branco		B	<i>acolon</i>		T
almafra		B	<i>aglianico</i>		T
almenhaca		B	agronómica		T
alvadurão		B	água-santa		T
alvar		B	alfrocheiro	tinta-bastardinha	T
alvarinho		B	<i>alicante-bouschet</i>		T
alvarinho-lilás		B	alvar-roxo		R
antão-vaz		B	alvarelhão	brancelho	T
arinto	pedernã	B	alvarelhão-ceitão		T
arinto-do-interior		B	amaral		T
arinto-dos-açores	<b>terrantês-da-terceira</b>	B	amor-não-me-deixes		T
<b>arnsburger</b>		B	amostrinha		T
<i>assaraky</i>		B	<b>aragonês</b>	tinta-roriz, <i>tempranillo</i>	T
avesso		B	<i>aramon</i>		T
azal		B	<i>arinarnoa</i>		T
			arinto-roxo		R
			arjunção		T
<b>B</b>					
<i>bacchus</i>		B	baga		T
barcelo		B	barreto		T
bastardo-branco		B	bastardo	graciosa	T
batoca	alvaraça	B	bastardo-roxo		R
beba		B	bonvedro		T
bical	borrado-das-moscas	B	borraçal		T
boal-barreiro		B	branjo		T
boal-branco		B			
boal-espinho		B			
branca-de-anadia		B			
branco-desconhecido		B			
branco-especial		B			
branco-gouvães	alvarelhão-branco	B			
branco-guimarães		B			
branco-joão		B			
branco-valente		B			
branda		B			
<b>C</b>					
cainho		B	<i>cabernet-cubin</i>		T
caracol		B	<i>cabernet-dorsa</i>		T
caramela		B	<i>cabernet-franc</i>		T
carrega-branco		B	<i>cabernet-mitos</i>		T
cascal		B	<i>cabernet-sauvignon</i>		T
castália		B	cabinda		T
castelão-branco		B	<i>caladoc</i>		T
castelo-branco		B	calrão		T
cerceal-branco		B	camarate		T

<b>cerceal</b>	<b>cerceal-da-bairrada<sup>(48)</sup></b>	B	campanário		T
<i>chardonnay</i>		B	<i>carignan</i>		T
<i>chasselas</i>		B	<b><i>carménère</i></b>		T
<i>chasselas-cioutat</i>	<i>chasselas-salsa</i>	B	carrasquenho		T
<i>chasselas-sabor</i>		B	carrega-burros		T
<i>chenin</i>	<i>chenin-blanc</i>	B	casculho		T
códega-do-larinho		B	castelã		T
<i>colombard</i>	semilão	B	castelão	joão-de-santarém <sup>(49)</sup> periquita <sup>(50)</sup>	T
<i>cornichon</i>		B	<i>castelino</i>		T
corval		B	castelo		T
crato-espanhol		B	<i>chambourcin</i>		T
			<i>chasselas-roxo</i>		R
			cidadelhe		T
			cidreiro		T
			<i>cinsaut</i>		T
			complexa		T
			concieira		T
			coração-de-galo		T
			cornifesto		T
			corropio		T
			corvo		T
			<b><i>côt</i></b>	<i>malbec</i>	T
<b>D</b>					
dedo-de-dama		B	deliciosa		T
diagalves		B	doçal		T
dona-joaquina		B	doce		T
donzelinho-branco		B	<i>dolcetto</i>		T
dorinto	arinto-do-douro <sup>(51)</sup>	B	donzelinho-roxo		R
douradinha		B	donzelinho-tinto		T
			<i>dornfelder</i>		T
			<i>durif</i>	<i>petite-syrah</i>	T
<b>E</b>					
encruzado		B	engomada		T
esganinho		B	esgana-cão-tinto		T
esganoso		B	espadeiro		T
estreito-macio		B	espadeiro-mole		T
<b>F</b>					
fernão-pires	maria-gomes	B	fepiro		T
<b><i>fetească-albă</i></b>		B	fernão-pires-rosado		R
<b>folgosão</b>	<b>terrantês<sup>(52)</sup></b>	B	ferral		T
folha-de-figueira	dona-branca	B	<b>folgosão-roxo</b>		R
fonte-cal		B			
<b>G</b>					
galego-dourado		B	galego		T
generosa		B	galego-rosado		R
gouveio		B	<i>gamay</i>		T
gouveio-estimado		B	<b><i>gewürztraminer</i></b>		R
gouveio-real		B	gonçalo-pires		T
granho		B	gouveio-preto		T
<i>greco</i>	<i>greco-di-tufo</i>	B	gouveio-roxo		R
<i>grüner-veltliner</i>		B	<i>grand-noir</i>		T
			grangeal		T
			<i>grenache</i>		T
<b>J</b>					
<i>jacquère</i>		B	<b><i>jaén</i></b>	<b><i>mencía</i></b>	T
jampal		B			

<b>L</b>					
lameiro		B	labrusco		T
larião		B	<i>lemberger</i>	<i>blaufränkisch</i>	T
leira		B	listrão		R
<i>liliorila</i>		B	lourela		T
loureiro		B	lusitano		T
luzidio		B			
<b>M</b>					
malvasia		B	malandra		T
malvasia-babosa		B	malvarisco		T
<i>malvasia-bianca</i>		B	malvasia-cabral		R
malvasia-branca		B	malvasia-cândida-roxa		R
malvasia-cândida		B	malvasia-fina-roxa		R
malvasia-de-são-jorge	<b>malvasia</b> <sup>(53)</sup>	B	malvasia-preta		T
malvasia-fina	<b>boal</b> <sup>(54)</sup>	B	malvasia-preta-roxa	pinheira-roxa	T
malvasia-parda	farinheira	B	manteúdo-preto		T
malvasia-rei		B	<i>marselan</i>		T
malvasia-romana		B	marufo	mourisco-roxo	T
malvia		B	melhorio		T
malvoeira		B	melra		T
manteúdo		B	<i>merlot</i>		T
marquinhas		B	mindelo		T
<i>marsanne</i>		B	<i>mondet</i>		T
<i>moscadet</i>		B	monvedro		T
moscatel-galego-branco	<i>muscat-à-petits-grains</i>	B	moreto		T
moscatel-graúdo	moscatel-de-setúbal <sup>(55)</sup>	B	moscargos		T
moscatel-nunes		B	moscatel-galego-roxo	moscatel-roxo <sup>(56)</sup>	R
mourisco-branco		B	moscatel-galego-tinto		T
<i>müller-thurgau</i>		B	mourisco		T
			mourisco-de-semente		T
			mourisco-de-trevões		T
			mulata		T
<b>N</b>					
naia		B	<i>nebbiolo</i>		T
			negra-mole		T
			<i>nero</i>		T
			<i>nero-d'avola</i>		T
			nevoeira		T
<b>P</b>					
pé-comprido		B	padeiro		T
perigó		B	parreira-matias		T
perrum		B	patorra		T
<i>petit-manseng</i>		B	pedral		T
<i>pinot-blanc</i>		B	pero-pinhão		T
pintosa		B	<i>petit-bouschet</i>		T
praça		B	<i>petit-verdot</i>		T
promissão		B	<b>pexém</b>		T
			pical	<i>piquepoul-noir</i>	T
			pilongo		T
			<i>pinot-gris</i>	<i>pinot-grigio</i>	R
			<i>pinot-noir</i>		T
			português-azul	<i>blauer-portugieser</i>	T
			preto-cardana		T
			preto-martinho		T
			primavera		T
<b>R</b>					
rabigato		B	rabo-de-anho		T
rabigato-franco		B	rabo-de-lobo		T

rabigato-moreno		B	ramisco		T
rabo-de-ovelha		B	ricoca		T
ratinho		B	roal		R
<i>riesling</i>		B	rodo		T
rio-grande		B	roseira		T
<i>rotgipfler</i>		B	roxo-flor		R
roupeiro-branco		B	roxo-rei		R
<i>roussanne</i>		B	rufete	tinta-pinheira	T
<b>S</b>					
samarrinho	budelho	B	<i>sangiovese</i>		T
santoal	boal-de-santarém <sup>(57)</sup>	B	santareno		T
são-mamede		B	sevilhão		T
sarigo		B	sezão		T
<i>sauvignon</i>	<i>sauvignon-blanc</i>	B	<i>syrah</i>	<i>shiraz</i>	T
seara-nova		B			
<i>sémillon</i>		B			
sercial	esgana-cão	B			
sercialinho		B			
síria	roupeiro, códega	B			
<b>T</b>					
tália	<i>ugni-blanc</i> , <i>trebbiano-toscano</i>	B	<i>tannat</i>		T
tamarês	molinha	B	<i>teinturier</i>		T
terrantês		B	tinta		T
terrantês-do-pico		B	tinta-aguiar		T
trajadura	treixadura	B	tinta-aurélio		T
trincadeira-branca		B	tinta-barroca		T
trincadeira-das-pratas		B	tinta-caiada	pau-ferro, tinta-lameira	T
			tinta-carvalha		T
			tinta-da-barca		T
			tinta-de-alcobaça <sup>(58)</sup>	alcoa	T
			tinta-de-lisboa <sup>(59)</sup>	bastardo-tinto	T
			tinta-fontes		T
			tinta-francisca		T
			tinta-gorda		T
			tinta-grossa	carrega-tinto	T
			tinta-martins		T
			tinta-mesquita		T
			tinta-miúda		T
			tinta-negra	molar, saborinho	T
			tinta-penajoia		T
			tinta-pereira		T
			tinta-pomar		T
			tinta-tabuaço		T
			<b>tintém</b>		T
			tintinha		T
			tinto-cão		T
			tinto-pegões		T
			tinto-sem-nome		T
			touriga-fêmea		T
			touriga-franca		T
			touriga-nacional		T
			transâncora		T
			trigueira		R



			trincadeira	tinta-amarela, trincadeira-preta	T
			triufo		T
<b>U</b>					
uva-cão		B			T
uva-cavaco		B			T
<b>V</b>					
valveirinho		B	valbom		T
vencedor		B	valdosa		T
verdejo		B	varejoa		T
verdelho		B	verdelho-roxo		R
<b>verdeal-branco</b>		B	verdelho-tinto		T
vermentino		B	<b>verdeal-tinto</b>		T
<i>vioignier</i>		B	vinhão	sousão	T
<b>viozinho</b>		B			
vital	malvasia-corada	B			
<b>X</b>					
			xara		T
<b>Z</b>					
			zé-do-telheiro		T
			zinfandel		T

(1) O nome (ou substantivo) comum indica qualquer ser, real ou não real, pertencente a uma espécie: **homem, papel, animal, alma, bondade, beleza**, etc. Opõe-se a nome próprio, o que designa determinado ser — aquele e não outro. Indica um ser em particular. Ex.: **Pedro, Lisboa, Portugal, Deus, Europa, Tejo**. Isto é, o nome próprio não é comum a outro ser.

Henriques, J. N., «Nome comum/concreto», *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 26.11.1998,

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/nome-comumconcreto/2861>.

(2) Esporão, *Vinhos e Azeites: Varietais: 4 Castas 2017*, <https://www.esporao.com/pt-pt/vinhos/4-castas-2017/>.

(3) Vinha, *wikiVinha: Castas: sauvignon blanc*, <https://www.vinha.pt/wikivinha/section/casta-vinho/sauvignon-blanc/>.

(4) Madeira, R. R., *Vinhos do Vale do Douro*, «Quinta de Fafide 12 Barrels Tinto»,

[http://ruimadeira.pt/project/12barrelstinto\\_fafide/](http://ruimadeira.pt/project/12barrelstinto_fafide/).

(5) Rodrigues, N. *et al.*, «Variedades de oliveira minoritárias de Trás-os-Montes», *Voz do Campo: Revista do Setor Agrário*, n.º 217, julho de 2018, <http://vozdocampo.pt/2018/07/06/variedades-de-oliveira-minoritarias-de-tras-os-montes/>.

(6) Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, *Diagnósticos Setoriais: Frutas, Hortícolas e Flores: Maçã*, 2007, <http://www.isa.utl.pt/files/pub/destaques/diagnosticos/Maca.pdf>.

(7) Organização Internacional do Café, «Aspetos botânicos», [http://www.ico.org/pt/botanical\\_p.asp](http://www.ico.org/pt/botanical_p.asp).

(8) Câmara Municipal de Setúbal, «Raças potencialmente perigosas e animais perigosos»,

<https://www.mun-setubal.pt/racas-potencialmente-perigosas-e-animais-perigosos/>.

(9) Governo do Canadá *apud* «Etnónimos, uma categoria gramatical à parte?», in «a folha», n.º 40 — outono de 2012,

[https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha40\\_pt.pdf](https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha40_pt.pdf).

(10) Malheiros, J. V., «Como Nixon ganhou a Lua», *Público*, 19.7.2009,

<https://www.publico.pt/2009/07/19/jornal/como-nixon-ganhou-a-lua-0>.

(11) Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*, «10.7.2. Minúsculas»,

<http://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100702pt.htm>.

(12) «Casta: Nome usado para designar as videiras que apresentam um conjunto de características comuns; também é usado o termo variedade. Uma mesma casta em solos e climas diferentes origina vinhos diferenciados, sendo que alguns componentes aromáticos próprios da casta se mantêm.», Instituto da Vinha e do Vinho, *Glossário*,

<https://www.ivv.gov.pt/np4/glossario.html#C>.

(13) Google Livros, <https://books.google.pt/?hl=pt-PT>.

(14) Alarte, V., *Agricultura das Vinhas, & Tudo o Que Pertence a Ellas até Perfeito Recolhimento do Vinho, & Relação das suas Virtudes, & da Cepa, Vides, Folhas, & Borrás*, Oficina Real Deslandesiana, Lisboa, 1713,

<https://books.google.pt/books?id=S0hAAQAAMAAJ&printsec=frontcover>.

(15) Gyrão, A. L. de B. F. T., *Tratado Theorico e Practico da Agricultura das Vinhas, da Extracção do Mosto, Bondade, e Conservação dos Vinhos, e da Distillação das Agoas Ardentes*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1822,

<https://books.google.pt/books?id=iCCI6oOp83UC&printsec=frontcover>.

(16) Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, *Segunda Memória sobre os Processos de Vinificação Empregados nos Principaes Centros Vinhateiros do Continente do Reino*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1868,

<https://play.google.com/store/books/details?id=Q6VAAQAAMAAJ>.

(17) Unité de Recherche Génomique Info, *Genetic and Genomic Information System (GnpIS)*, «Taxon: *Vitis vinifera* subsp. *vinifera* L.»,

<https://wheat->

[urgi.versailles.inra.fr/sequence/common/card.do;jsessionid=4608E119783152CBAE4C55D010F8411C?id=543&dbName=c](http://urgi.versailles.inra.fr/sequence/common/card.do;jsessionid=4608E119783152CBAE4C55D010F8411C?id=543&dbName=c)  
[ommon&className=genres.taxonomy.TaxonImpl.](http://urgi.versailles.inra.fr/sequence/common/card.do;jsessionid=4608E119783152CBAE4C55D010F8411C?id=543&dbName=c)

- (18) Portaria n.º 380/2012, de 22 de novembro, que estabelece as castas de uvas aptas à produção de vinho em Portugal e revoga a Portaria n.º 428/2000, (DR 2012), <https://dre.pt/application/conteudo/191079>.
- (19) Atualmente, Regulamento (UE) n.º 1308/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 17 de dezembro de 2013, que estabelece uma organização comum dos mercados dos produtos agrícolas e que revoga os Regulamentos (CEE) n.º 922/72, (CEE) n.º 234/79, (CE) n.º 1037/2001 e (CE) n.º 1234/2007 do Conselho, <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A02013R1308-20190101&from=PT>.
- (20) Instituto da Vinha e do Vinho, *Vinha: Lista de Castas: Castas Brancas*, <https://www.ivv.gov.pt/np4/111/>; *Castas Tintas e Rosadas*, (IVV 2019), <https://www.ivv.gov.pt/np4/112/>.
- (21) Julius Kühn-Institut, *Vitis International Variety Catalogue (VIVC)*, «Cultivar name», <http://www.vivc.de/index.php?r=cultivarnome%2Findex>.
- (22) Julius Kühn-Institut, *The European Vitis Database: European Catalogue of Nationally Registered Varieties*, <http://www.eu-vitis.de/publicnatcat/dbQuickSearch.php?retval=4100>.
- (23) Fundação Eugénio de Almeida: Adega do Cartuxa, *Vinho Regional Alentejano Tinto 2017*, [https://www.cartuxa.pt/app\\_files/ea\\_tinto\\_2017.pdf](https://www.cartuxa.pt/app_files/ea_tinto_2017.pdf).
- (24) Amaral, J. D., *O Grande Livro do Vinho*, Lisboa, Temas e Debates, 2000, ISBN 9727593127.
- (25) Portaria n.º 428/2000, de 17 de julho, que aprova a lista das castas aptas à produção de vinho em Portugal e a respetiva nomenclatura, (DR 2000), <https://dre.pt/application/conteudo/320281>.
- (26) Portal da Língua Portuguesa, *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, «Base XV: Do Hífen em Compostos, Locuções e Encadeamentos Vocabulares», <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1990>.
- (27) Cf. Despacho n.º 17313/2008, onde o uso de maiúsculas nas entradas de uma tabela não significa que passe a escrever com maiúsculas Coque de Carvão, Coque de Petróleo, Gás de Alto Forno, Gás de Refinaria, Petróleo Bruto ou Resíduos Industriais, <https://dre.pt/application/conteudo/3397117>.
- (28) I — Porto Editora, *Infopédia*, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>;  
P — Priberam, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, <https://dicionario.priberam.org/>;  
A — Lexikon Editora Digital, *Aulete Digital*, <http://www.aulete.com.br/>;  
M — Michaelis, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, <https://michaelis.uol.com.br/>;  
E — Estraviz, I. A., *Dicionário Estraviz*, <https://estraviz.org/>;  
VP — Portal da Língua Portuguesa, *Vocabulário Ortográfico Português*, <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>;  
VB — Academia Brasileira de Letras, *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.
- (29) Arns-Burguer (DR 2000).
- (30) Gewurztraminer (DR 2000).
- (31) O Aulete foi um dicionário português começado ainda no século XIX em Portugal e que se mudou para o Brasil em meados do século XX. É assim natural que no seu espólio constem muitas castas específicas de Portugal.
- (32) Caderno de Especificações: Indicação Geográfica Duriense, *Prodouro*, [http://www.prodouro.pt/content/uploads/maingallery/46\\_1493912482.pdf](http://www.prodouro.pt/content/uploads/maingallery/46_1493912482.pdf).
- (33) Gyrão, A. L. de B. F. T., *op. cit.*
- (34) Villa Maior, Visconde de, *Manual de Viticultura Practica*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1875, <https://play.google.com/books/reader?id=X7s6AQAAMAAJ>
- (35) Estas alterações ainda não estão repercutidas nas listas publicadas pelo Instituto do Vinha e do Vinho (IVV).
- (36) Cunha, J. *et al.*, «A identidade das castas de videira portuguesas aptas à produção de vinho no contexto ibérico e europeu: O uso de marcadores moleculares do tipo SNP para a sua discriminação», *Enovitis: Revista Técnica de Viticultura e Enologia*, janeiro/fevereiro/março de 2017, p. 18-25, [http://www.iniv.pt/fotos/editor2/identidade\\_das\\_castas\\_de\\_videira\\_portuguesas.pdf](http://www.iniv.pt/fotos/editor2/identidade_das_castas_de_videira_portuguesas.pdf)
- (37) Apenas como sinónimo de malvasia-fina; nos restantes casos boal; ortografia não incluída no DR 2000.
- (38) Apenas como sinónimo de malvasia-de-são-jorge; nos restantes casos malvasia; ortografia não incluída no DR 2000.
- (39) Em basco: vinho (*arno*) + ligeiro (*arin*).
- (40) Em basco: flor (*lili*) + amarela (*horia*).
- (41) Há um tipo de vinho *muscadet*, mas *muscadet* não é a casta.
- (42) Morvan, T., *La petite encyclopédie Hachette des vins*, Hachette Pratique, 2018, ISBN 2017047031, [https://books.google.pt/books?id=bXF\\_DwAAQBAJ](https://books.google.pt/books?id=bXF_DwAAQBAJ).
- (43) Gómez Pallarès, J., «Seda y amabilidad», *El País*, 28.7.2019, [https://elpais.com/elpais/2019/07/22/eps/1563806177\\_094346.html?rel=estr\\_articulo#1567084493423](https://elpais.com/elpais/2019/07/22/eps/1563806177_094346.html?rel=estr_articulo#1567084493423).
- (44) «As cultivares autorizadas para uso de DO foram limitadas para castas tintas: merlot, cabernet sauvignon, cabernet franc e tannat. Para os vinhos brancos, as cultivares chardonnay, riesling itálico e, para os espumantes, a chardonnay e/ou pinot noir e a riesling.», Sato, G. S., «Indicação Geográfica (IG) para Vinhos no Brasil», *Análises e Indicadores do Agronegócio*, vol. 8, n.º 3, março de 2013, <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/AIA/AIA-09-2013.pdf>.
- (45) Campos, R. de, Tagliari, M., *Dicionário do Vinho*, Editora Campos, 2017, <https://books.google.pt/books?id=JphEDgAAQBAJ>.
- (46) Instituto da Vinha e do Vinho, *Anuário de Vinhos e Aguardentes de Portugal 2017*, [https://www.ivv.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1736&fileName=IVV\\_WEB\\_TB.PDF](https://www.ivv.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1736&fileName=IVV_WEB_TB.PDF).
- (47) Convém recordar que de acordo com o *Código de Redação Interinstitucional*:  
«Usam-se caracteres itálicos num texto em romano (e, ao contrário, caracteres romanos num texto em itálico): (...) — no nome próprio de navios, aeronaves, marcas, etc.:  
o pacote *Príncipe Perfeito*/o vaivém *Discovery*

---

o CAV *Eurostar*/a marca *Jaguar* (...),»

Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*, «Anexo B — Uso do itálico»,

<http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5010100.htm>.

<sup>(48)</sup> Apenas na rotulagem da DO Bairrada.

<sup>(49)</sup> Apenas na rotulagem da DO DoTejo, sub-região de Santarém.

<sup>(50)</sup> Apenas na rotulagem conforme ponto 1-A do artigo 17.º do Regulamento (CEE) n.º 3201/90, com a redação do Regulamento (CE) n.º 609/97,

<sup>(51)</sup> Apenas na IGP Duriense, DOC Douro e DOC Porto.

<sup>(52)</sup> Apenas na rotulagem da DOP Madeira.

<sup>(53)</sup> Apenas na rotulagem da DOP Madeira.

<sup>(54)</sup> Apenas na rotulagem da DOP Madeira.

<sup>(55)</sup> Apenas na rotulagem do VLQPRD de Setúbal.

<sup>(56)</sup> Apenas na rotulagem do VLQPRD de Setúbal.

<sup>(57)</sup> Apenas na rotulagem da DO DoTejo, sub-região de Santarém.

<sup>(58)</sup> Apenas na rotulagem da DO Encostas d’Aire, sub-região Alcobaça.

<sup>(59)</sup> Apenas na rotulagem da IGP Lisboa.

---

**Exoneração de responsabilidade:** Os textos incluídos são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Redação nem das instituições europeias.

A Redação é responsável pela linha editorial d'«a folha», cabendo-lhe decidir sobre a oportunidade de publicação dos artigos propostos.

---

**Redação:** Paulo Correia (Comissão); Valdemar Ferreira (PE); Manuel Leal (Conselho da UE); Victor Macedo (CESE-CR); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)

**Grupo de apoio:** Ana Luísa Faria (Conselho da UE); Hilário Leal Fontes (Comissão); Luís Seabra (Comissão); Susana Gonçalves (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Joana Seixas (CESE-CR)

**Paginação:** Susana Gonçalves (Comissão)

**Envio de correspondência:** [dgt-folha@ec.europa.eu](mailto:dgt-folha@ec.europa.eu)

---

**Edição impressa:** oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)

**Edição eletrónica:** sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — [https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt\\_magazine\\_pt.htm](https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm)

---

Os artigos contidos neste boletim podem ser reproduzidos mediante indicação da fonte e do autor.



A coleção completa d'«a folha» está disponível no catálogo em linha da Biblioteca Jacques Delors [https://infoeuropa.eu/ocid.pt/pesquisar/wti=\(a+folha\)+AND+\(wfmt=se+OR+wfmt=an\)/catalogo=bibliografico](https://infoeuropa.eu/ocid.pt/pesquisar/wti=(a+folha)+AND+(wfmt=se+OR+wfmt=an)/catalogo=bibliografico)

«a folha» ISSN 1830-7809

